

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



**Professor
do século
XXI**

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00064

Cesar Maia

Prefeito

Sônia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Jorge Eduardo Machado

Assessor de Comunicação e Ouvidor

CONSELHO EDITORIAL

Leny Datrino (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME)**Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO)**Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO)**Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO)**Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)**Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéa Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Bete Nogueira** (editora) • **Juliana Sartore****Fábio Aranha e Carolina Bessa** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)• **Alberto Jacob Filho** (fotografia)GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers)**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)**Impressão: Empresa Municipal de Artes Gráficas – Imprensa da Cidade****Tiragem: 36.500 exemplares**

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



andrezza ofigueredo da silva mathias
1504.
ofornalista Sandro moreira



Desenho de Andrezza Figueredo da Silva Mathias, turma 1504
Escola Municipal Jornalista Sandro Moreyra (8ª CRE)

Capa:

Edson Rufino Filho em
foto de Alberto Jacob Filho
Interface: Edson Rufino Filho
Tratamento da Imagem: Gustavo Cadar

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

A imaginação como limite

12 parceria

Incubadora de orquestras

13 carioca

Ilha cultural de Santa Cruz

15 MULTIRIO na web

Novos voos para o português

16 olho mágico

Onde encontrar a sua revista

18 caleidoscópio

Novos tempos, velhos hábitos

20 professor on-line

Mídias e educação pú

22 sala de professores

Mídia audiovisual e formação de professores

24 rede fala

A literatura infantil afro-brasileira como instrumento de reflexão e ação

26 capa

Aprendizagem em movimento

33 atualidade

Para entender o big-bang

36 presente do futuro

Sutileza e boa convivência

40 pé na estrada

Roteiro cheio de bossa
Apresentação de talentos

44 foi assim

Três olhares de uma história

46 machadiano

O preferido pelos cineastas

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Admirável mundo novo

Citando uma frase de Shakespeare, em 1932 o inglês Aldous Huxley deu a um de seus principais livros o título acima. O tema era o futuro, um mundo inimaginável naquela época, com avanços tecnológicos, mas com retrocessos na área educacional/cultural. O livro serviu de alerta a todos os que sonhavam viver em um mundo moderno, prático, mas que não queriam pagar o preço de uma existência vazia. A mente inquieta do ser humano nos leva cada vez mais longe, e é preciso pensar as formas em que esta tecnologia está a nosso favor para valorizar as áreas da educação e da cultura.

O que é ser professor no século XXI? Eis a questão para a nossa matéria principal. Como em todas as épocas, o educador de hoje é um desbravador e tem que se manter atualizado. E ainda: precisa dominar as novas tecnologias para oferecer mais recursos ao processo de aprendizagem. A matéria ainda enfoca outros pontos importantes sobre o papel do professor, como o de mediador entre os alunos e as diferentes linguagens disponíveis, além de estar aberto à perspectiva de que crianças e jovens têm um saber próprio, alimentado pela curiosidade que a internet desperta.

“Parece ficção científica...”, foram os primeiros comentários na imprensa quando foi anunciado o superacelerador de partículas que começou a funcionar na Europa, especificamente na fronteira entre França e Suíça. A ousadia dos cientistas em tentar reproduzir as condições do surgimento do universo (segundo a teoria do big-bang) e encontrar a origem da massa das partículas, entre outras pesquisas, foi divulgada em grande parte da mídia, mais com espanto do que com detalhes. Por isso, em *Atualidade*, trazemos de uma forma objetiva o que representa para a humanidade esse projeto monumental, que envolve 180 instituições de 50 países, inclusive o Brasil.

Falando em ficção, este mês, na seção *Machadiano*, abordamos as diversas versões cinematográficas dos romances e contos do Bruxo do Cosme Velho: umas mais fiéis à história, e algumas trazidas ao nosso tempo, mostrando que alguns dilemas humanos expostos por Machado de Assis são atemporais. Outro destaque é a seção *Professor on-line*, onde podemos conferir o que de melhor aconteceu no IV Encontro Internacional Rio Mídia, realizado em agosto.

Boa leitura.



Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações da MULTIRIO

Maria Inês Delorme

De olho no futuro

Gostaria de parabenizar NÓS DA ESCOLA pelas reportagens tão educativas. Muitas vezes vou à sala dos professores em busca da revista que tanto me auxilia nas pesquisas para a faculdade de pedagogia que curso.

Maria Catarina Guimarães Sá,
merendeira na E. M. Reverendo Martin Luther King, Praça da Bandeira (2ª CRE).

- Ficamos felizes por saber que NÓS DA ESCOLA estimula quem já está trilhando o caminho para o magistério.

Carinho eterno

Nestes tempos tão difíceis em que nós, professores, nos sentimos sozinhos, cansados e desprestigiados, queria demonstrar minha emoção. Recebi uma carta de duas ex-alunas do 1º ciclo, Josiane e Malena, que lembram com muito

carinho do período em que estiveram conosco.

Nelma Alves de Oliveira,
Ciep 1º de Maio, Santa Cruz (10ª CRE)

Novo olhar

Com NÓS DA ESCOLA, passei a ter um novo olhar sobre a educação e a prática pedagógica. Tenho orgulho de ver meus alunos alfabetizados, com senso crítico bastante desenvolvido, e principalmente por ter como subsídio o ensino reorganizado em ciclos.

Ana Maria Cassiano Mendes,
Ciep Professor Darcy Ribeiro, Campo Grande (9ª CRE)

Heróis do atletismo

Quero agradecer NÓS DA ESCOLA pela matéria sobre o Programa Heróis do Atletismo (edição 61). Agradeço também à E. M. Barão

da Taquara por ter emprestado sua quadra para a realização do evento. Por fim, desejo destacar a importância da revista como suporte pedagógico, trazendo reflexões sobre questões contemporâneas e dando visibilidade ao nosso trabalho, assumindo o papel de ferramenta indispensável para cada um de nós.

Professor José Luís,
E. M. Juan Montalvo, Taquara (7ª CRE)

Verdades da profissão de professor

NÓS DA ESCOLA agradece à equipe do Pólo de Educação pelo Trabalho Alzira Araújo (Campo Grande, 9ª CRE), que nos enviou um belo texto de Paulo Freire sobre a importância de ser professor e da missão de educar, encarando todos os desafios. Concordamos com cada palavra do grande educador.

O afresco do príncipe

A obra que ilustra a quarta-capa desta edição tem a assinatura de um dos mestres da pintura e da arquitetura renascentista produzida na escola de Florença: o italiano Rafael Sanzio, que nasceu no dia 6 de abril de 1483 e morreu, 37 anos depois, no mesmo dia e mês.

Filho de poeta e também pintor, que lhe ensinara o ofício, aos 25 anos Rafael já era chamado de O príncipe dos pintores.

Criou retratos, altares, desenhos de tapeçarias, cenários teatrais e desenvolveu projetos arquitetônicos para construções profanas e igrejas.

Obra polêmica – Os críticos consideram seu afresco *Escola de Atenas* (1509-10) uma alegoria complexa do conhecimento filosófico profano. Das obras que produziu é uma das mais comentadas, por mostrar um grupo de filósofos de épocas históricas distintas ao redor de Aristóteles e Platão, ilustrando a continuidade histórica do pensamento filosófico. É possível, neste afresco, encontrar retratados quase todos os grandes filósofos e pensadores gregos.

Afresco é o nome que se dá a uma pintura feita sobre uma parede, com base de gesso ou de argamassa. (CRISTINA CAMPOS)



Detalhe de *Escola de Atenas*: auto-retrato de Rafael (de boina preta)

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala, envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

A imaginação como limite

Você pede para seus alunos desenharem personagens numa folha de papel em branco e percebe que cada vez mais os desenhos estão se tornando estranhos: olhos grandes e arredondados, corpos esguios, lembrando em demasia uma cultura distante, que fica literalmente do outro lado do planeta. Só então você percebe que alguns de seus alunos são *otakus*¹. O que fazer?

Na nossa história, culturas juvenis muitas vezes foram vistas com certo desdém pelas sociedades hegemônicas. No entanto, movimentos de mudança ou de quebra de paradigmas surgiram justamente por causa desses movimentos. Hoje, fica difícil imaginar que houve tempo em que os jovens nem sequer eram considerados como jovens, já que do ponto de vista social passavam da infância diretamente para a vida adulta, como se juventude não houvesse. E isso durou até a Idade Média. Mesmo hoje, percebemos, falta aos jovens um espaço de pertencimento, faltam-lhes mídias especializadas, com raras exceções, como a MTV brasileira, por exemplo.

Jovens costumam se encontrar em espaços urbanos diferenciados, como garagens de hipermercados ou postos de gasolina, atribuindo a esses pontos novos sentidos e, como verificaremos na entrevista a seguir, costumam discutir e interagir sobre temáticas relacionadas a *animes* e mangás, bem como em relação a seus personagens.

Em épocas remotas houve grupos de jovens que se destacaram na sociedade e tiveram suas ações divulgadas pela mídia. No Brasil, na década de 1950, existiam os rebeldes (a dita “juventude transviada”), que configuraram uma imagem pública de contestação a normas e padrões estabelecidos para os considerados “bons rapazes”; na década de 1960, surgia a jovem guarda e os *hippies*; nos anos 1970 e 80, o movimento *punk*, a *new age* e o *heavy metal*; na década de 1990, os *clubbers*, *rappers*, metaleiros, funkeiros, neohippies e, hoje, os *emos* e os *otakus*. São maneiras encontradas pela juventude de, identificando-se com os pares, se diferenciarem dos outros, num jogo dinâmico de configuração de suas identidades.

O professor, pesquisador e doutorando em educação na linha de processos culturais, instâncias da socialização e educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Carlos Alberto Machado é um, entre outros pioneiros brasileiros, que decidiu voltar seu estudo de tese a eventos de *animes*, como preferem alguns, ou de animencontros, como prefere o entrevistado.

Como se originaram os encontros de mangás e *animes* no Brasil? O que é típico e diferente nesse movimento?

A princípio foram dois os principais responsáveis: a professora e pesquisadora da USP [Universidade de São Paulo] Sonia Bibe Luyten e o saudoso *mangaká* japonês Osamo Tesuka. Em 1974 a professora Sonia fundou um pequeno grupo de estudantes de cultura japonesa denominado Associação dos Amigos do Mangá, que em 1984 se tornou a atual Abrademi [Associação Brasileira de Desenhistas de Mangás e Ilustrações]. A Abrademi, por sua vez trouxe ao Brasil, em 1984, o conhecido desenhista nipônico Osamo Tesuka, que encheu o auditório do Masp [Museu de Arte de São Paulo] e despertou entre jovens desenhistas no Brasil o interesse pelos mangás. Em 1995, a Abrademi organizou, em Curitiba, a 1ª Exposição de Mangá e no ano seguinte, em São Paulo, a I Mangacon. Esses foram os primeiros eventos de *animes* brasileiros que vieram inspirar a criação de muitos outros, e que hoje estão espalhados por praticamente todo o território nacional.

Como se estruturam esses animencontros?

Eles surgem basicamente do interesse dos jovens pela cultura midiática japonesa, visualizada por amigos internautas que apreciam *animes* e *mangás*. Eles baixam séries de *animes* traduzidos e legendados por fãs, chamados de *fansubs*, o que desperta neles o interesse de dividir esse conhecimento. Os animencontros começam nos colégios onde esses jovens estudam. Com o tempo, a estrutura cresce e eles migram para clubes, faculdades ou universidades. A divulgação é feita principalmente pela internet, Orkut, *e-mails*, *blogs*, páginas pessoais e MSN. Nos eventos há atividades culturais como teatro (*cosplays*), concursos de desenhos (de mangás), canções (*animekes*), conhecimentos específicos (*animequis*), jogos (RPG, *Magick*, *huia*, *jo-ken-po*), disputas medievais (arco-e-flecha, torneios de espada e afins). Há formas específicas e criativas de



comunicação entre eles, como as plaquetas de fórmica que usam para enviar torpedos, para protestar ou criticar. Nesses casos, eles acrescentam *emoticons* e algumas onomatopéias, criando um dialeto específico em que palavras japonesas são incorporadas a frases comuns.

Há quanto tempo os animencontros existem no Brasil?

O primeiro aconteceu em 1995, em Curitiba. Um ano depois, foi a vez de São Paulo. Em ►

¹O *otaku* surgiu no Japão, no início dos anos 1980, devido ao poder cada vez maior dos meios de comunicação de massa, à prática do consumo de produtos tidos como culturais, ainda que fabricados em série, e à recusa dos adolescentes em assumir responsabilidades de adultos. No Japão seria um termo pejorativo. No Ocidente, a palavra *otaku* é a forma mais comum para denominar os fãs de *animes*.

TEXTO

MARIA INÊS DELORME

IMAGENS

ACERVO PESSOAL

1997 surgiram os primeiros animencontros organizados por grupos de jovens. O carioca Rafael Vizeu, que morava em Curitiba naquela época, foi o criador do termo *animencontro*. Com o tempo, os eventos foram se espalhando pelo Brasil. Em 1999 Belo Horizonte destacou-se com o BH Anime Brasil. No mesmo ano, São Paulo realizou seu primeiro AnimeCon, o mais antigo encontro de fãs de animação japonesa, que continua existindo. Hoje são realizados eventos desse tipo em praticamente todas as regiões do país. O evento que teve maior público até hoje foi o Anime Friends, que reuniu 86 mil pessoas em São Paulo, em 2007. Mas 2005 foi o ano definitivo, que marcou uma nova fase, com animencontros no Rio de Janeiro, em Americana e em Bauru (no interior paulista), em Belém do Pará, em Florianópolis, e novamente no Rio de Janeiro, com o evento Anime Paradise.

Como você explica esse fenômeno cultural, que inclui classes sociais e idades diversas?

O animencontro é um lugar de socialização de amigos e afinidades. Uma busca que é aparentemente natural e que faz parte do ser humano. Todos têm essa curiosidade, que leva à busca do desconhecido e, por conseqüência, a um conhecimento que tendemos a repartir entre iguais. Nesses lugares, as diferenças sociais desaparecem, ao menos momentaneamente. Há espaço para o diferente, para o pertencimento, para a identificação e para o reconhecimento – elementos que participam do desenvolvimento desses jovens. As idades variam muito, dificultando até uma classificação de faixa etária, mas observei que crianças de 12 anos e até adultos de 40 ainda freqüentam esses eventos, alguns inclusive usando roupas *cosplay*².

Quando participei em 2005 de uma pesquisa do Grupem [Grupo de Pesquisa Educação e Mídia] sobre a Região Sudeste, notei que crianças de oito a 12 anos demonstravam em suas falas uma forte relação com *animes* japoneses. Elas preferiam *animes* em vez de desenhos animados ocidentais, porque os *animes* se aproximavam mais do mundo real, onde personagens enfrentam problemas, envelhecem

e morrem. Isso, na verdade, cria um processo de aproximação que ajuda na identificação desses jovens com esses personagens. A forma de comunicação é exclusiva e diferente da utilizada no japonês. Eles se apropriam de alguns elementos culturais midiáticos japoneses, que já vêm atravessados de outros elementos culturais, inclusive ocidentais. Isso acaba originando entre os *otakus* brasileiros um dialeto que denomino *shamaru*, em que palavras japonesas são misturadas a frases em português, o que delimita os nativos desses grupos. Quem não conhece o mundo dos *animes*, quem não conhece palavras japonesas não consegue compreender o que eles falam. O *shamaru*, como qualquer outro dialeto encontrado pelo mundo, acaba criando um tipo de hierarquia mesmo entre os *otakus* brasileiros.

Há quem diga que a globalização teria ocidentalizado os japoneses, que pintam e enrolam os cabelos, se vestem como os ocidentais. Em contrapartida, os brasileiros estão estudando japonês, cantando em japonês... como você vê isso?

Apesar de realmente acontecer, os japoneses têm uma capacidade que considero fantástica. Eles entram em contato com culturas estrangeiras, assimilam o que lhes interessa e é lhes útil, levam para seu país e convivem com essas assimilações sem perder a originalidade e tradição. Você pode ver um grupo de jovens lançando moda no bairro japonês Harajuku, em Tóquio, que pode se espalhar mundo afora, como cabelos coloridos e roupas rasgadas;

² A palavra *cosplay* tem como responsável pelo seu registro o jornalista nipônico Nobuyuki Takahashi, que fez uma reportagem sobre um evento *trekker* norte-americano denominado Los Angeles SciFi Wordcon, que ocorreu em 1984. No evento, fãs da série *Star Trek (Jornadas Estrelas)* se vestiam a caráter como os personagens da série. O jornalista, que também fazia uma reportagem em 1983 sobre um evento japonês direcionado a *animes* e mangás, incentivou fãs japoneses a vestirem-se como os *trekkers* norte-americanos. Seguindo o hábito japonês de encurtar palavras longas, nasceu o termo *costume-acting* ou *costume-play*, que se tornou *cosplay*.

e num segundo momento, elementos desse mesmo grupo atuarem em um *matsuri* [festival tradicional], dançando ou tocando *taikos* [grandes tambores], no *bom odori* [tipo de dança fúnebre tradicional no Japão], ou mesmo realizando a milenar cerimônia do chá. Essa imitação, na verdade, é uma criação baseada na cultura ocidental, que acaba se transformando em algo original. O mesmo se observa por aqui entre grupos de jovens *otakus* brasileiros que conheci no decorrer dessa pesquisa. Eles incorporam uma moda que chamo *visual otaku* ou estilo *kei*. Esse estilo é bem conhecido por eles e há uma variedade enorme de estilos que se subdividem em outras variáveis.

Outro aspecto que considero importante são os valores midiáticos japoneses, que são transmitidos nos *animes* e absorvidos pelos jovens ocidentais. Honra, fortes laços de amizade, dignidade e respeito são alguns dos fatores que os jovens brasileiros demonstraram apreciar nos conteúdos dos desenhos.

Há violência nesses *animes*? Como as crianças absorvem isso?

No Japão os *animes* fazem parte da cultura e são idealizados para todos os gêneros e idades. São exibidos com grande destaque, inclusive nos cinemas, diferentemente do Ocidente, que pensa desenhos apenas para crianças. Existe um tipo de catarse nessa visualização da violência que ajuda o japonês no seu dia-a-dia e não é muito diferente do de nosso país.

Segundo a pesquisa do Grupen, as crianças sabem diferenciar muito bem a violência do *anime* da violência dos telejornais, como demonstraram em suas falas. A simplicidade da censura, por si só, não resolve o problema, pois a facilidade do acesso à internet em nossos dias permite que o jovem invente alternativas que o ajudam a conhecer os *animes* direto de sua fonte. Eles traduzem, legendam e disponibilizam esses *animes* à sua escolha. Conhecer essa complexidade cultural midiática também não é fácil, devido à enorme quantidade de *animes* produzidos diariamente no Japão e agora também na Coreia e na China. Mas conhecer o básico já auxiliaria a escolher horários apropriados para a exibição desses desenhos nas TVs brasileiras.



Nos aspectos referentes à ludicidade, o que sobressai nos animencontros?

Os *cosplays*, sem dúvida, são o que chama mais atenção de quem participa pela primeira vez de um desses encontros. Coloridos e cheios de detalhes, eles se aproximam bastante dos personagens dos *animes* japoneses, a ponto de o Brasil já ser vice-campeão mundial de *cosplay*. Apesar de sermos praticamente iniciantes no WCS [World Cosplay Summit], cúpula no Japão que conta com a participação de inúmeros países, já fomos campeões por duas vezes, em 2006, na primeira vez em que participamos, e agora, em 2008, vencendo inclusive o Japão, país onde se originou o *cosplay*. ▶



Já existem, inclusive no Brasil, *cosmakers* profissionais que, por *hobby* ou profissão, confeccionam *cosplays* ou partes mais complexas para amigos *cosplayers* ou clientes. A maioria dos *cosmakers* tem formação em *design* ou está em formação. Encontrei pelo menos oito categorias de *cosplays* no Brasil. *Cosplays* simples, também conhecidos por “cós-pobres”, “cós-pohias” ou “cós-feios” confeccionados com materiais simples ou baratos, sem grandes pretensões de parecer com o original, e *toscplays* humorísticos vividos algumas vezes por *crossplayers* que encarnam a inversão dos papéis. A idéia nesse caso é trajar-se de personagem do sexo oposto.

Há também os *costimidos*, que não costumam participar de atividades nos palcos dos eventos, mas que circulam entre os parti-

cipantes e não se importam de ser fotografados. *Cosplays* originais, criados pelo próprio *cosplayer* (polêmicos entre os fans); *cosplays hentais* (baseados em fetiches masculinos lembrando mulheres submissas); *cosplays* livres que se comportam como seus ídolos de diferentes seriados e filmes, inclusive norte-americanos, como Super Girl, Homem Aranha, Batman, Homem de Ferro etc., e finalmente os *cosplays* oficiais que são estritamente similares aos personagens de *animes*.

Também existem *otakus* que criam seus próprios personagens de mangás, os publicam e os comercializam nesses eventos. Ainda encontrei roteiristas e um escritor de livros sobre personagens totalmente baseados nessa cultura. Como gosto de dizer com relação a esses jovens, a imaginação é o limite.

Este ano comemoram-se os 100 anos da imigração japonesa no Brasil. Como a cultura tradicional vê essa nova cultura juvenil?

A princípio, penso que houve certa preocupação, pois ao contrário do que se imagina a maioria desses jovens não é de japoneses ou de filho de japoneses. São em sua maioria descendentes de italianos, alemães e africanos, mas cantam, exclusivamente em japonês, letras que apresentam certo grau de dificuldade em ritmos mais e menos lentos. Apreciam bastante a cultura midiática japonesa. Com o tempo, grupos como o Clube Nikkei de Curitiba souberam enxergar a importância que esses grupos de jovens viriam demonstrar, resgatando inclusive uma tradição que vinha sendo esquecida até pelos próprios japoneses daqui. Hoje temos em Curitiba *matsuris* e *minimatsuris* [festivais tradicionais japoneses], em que os jovens conquistam o próprio espaço. Isso se evidencia também na alta procura desse grupo de jovens *otakus* por cursos de japonês espalhados pelo Brasil. Os professores e escolas de japonês já perceberam isso e procuram participar com estandes ou folhetos promocionais em praticamente todos os eventos de que participei no território nacional. Isso foi observado em Fortaleza, Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. É perfeitamente possível essas culturas dividirem o mesmo espaço e já era hora de jovens terem o seu local de pertencimento reconhecido pelos adultos. Aproveito o espaço para parabenizar o Nikkei Clube de Curitiba por essa iniciativa.

Qual a principal diferença que você pode observar com relação a outros eventos juvenis?

Não vejo muita diferença. Talvez a socialização, o que não os diferencia de outros grupos juvenis. No entanto, foi interessante observar a tranquilidade e até um certo rigor desses jovens com relação à proibição do fumo e de bebidas nesses encontros. Na maioria dos eventos fumo e bebidas não são permitidos, alguns inclusive têm avisos na programação ou nas portas principais de entrada. Entrevistei informalmente seguranças contratados ou enviados por prefeituras municipais, dependendo do caso, e notei certa tranquilidade no tocante a esse quesito.

O que você recomendaria aos pais e professores com relação a esse grupo de jovens *otakus* brasileiros?

Como professor, me senti na obrigação de entrevistar alguns pais de *otakus* que por algum motivo estavam presentes nos eventos e notei que todos eles estavam lá por se preocuparem com seus filhos. Também encontrei alguns professores que participam dos eventos como *otakus*. Tanto os pais quanto os professores tentam entender o mundo desses jovens, pois alguns chegam ao requinte de participar de concursos *cosplays* e até ganhar prêmios. Curioso é que pelo menos um pai de Brasília e uma mãe de Belo Horizonte usavam o mesmo *cosplay* (Narak – um vilão do *anime* Inuyasha). Todos os pais entrevistados recomendam que pais e professores deveriam tentar, como eles, aproximar-se de seus filhos, conhecendo um pouco do mundo deles, assistindo a alguns *animes*, lendo alguns mangás ou mesmo participando de alguns eventos. Encontrei essa recomendação também na fala dos jovens pesquisados. Conhecer o mundo desses jovens possivelmente facilitará a relação pais/filhos, professores/alunos. Quem sabe esse estreitamento possa permitir que pais ou professores interessados também se vistam de *cosplays* heróicos ou similares aos que os filhos usam, sem terem que ser os eternos vilões da história?

Outra maneira seria pesquisadores de várias áreas investigarem esses grupos juvenis e principalmente publicarem seus resultados. Sei que existem alguns aqui do Rio que já perceberam a importância de estudar essas culturas. Encontrei o professor André Lourenço, um doutorando em antropologia da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro], que também estuda os animencontros pelo ponto de vista antropológico. A Uerj [Universidade do Estado do Rio de Janeiro] através do grupo de pesquisa Cultura e Mídia da área de Educação, também procura estudar elementos recorrentes em eventos cariocas. ■

A tese de Carlos Machado (cipexbr@yahoo.com) deve ser defendida publicamente no início de abril de 2009 no Departamento de Pós-Graduação em Educação na PUC-Rio.

Incubadora de orquestras

Projeto da SMC garante formação de músico concertista e canto coral para meninos e meninas no Rio

TEXTO
CAROLINA BESSA

Ser músico concertista pode se tornar realidade para jovens de comunidades do Rio de Janeiro. A Secretaria Municipal das Culturas (SMC), em parceria com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), promove o projeto Acorde, que tem como meta garantir a formação musical de meninos e meninas com idades de sete a 13 anos. A oportunidade pode abrir portas para um futuro profissional no meio artístico, mas acima de tudo visa à socialização e à valorização da cultura. Além disso, é importante tanto pelo seu aspecto lúdico quanto por ser um estímulo à expressão do indivíduo.

A parceria da OSB com a secretaria já dura cinco anos. Como a orquestra recebe subsídios da Prefeitura do Rio, a idéia representa uma contrapartida com alcance social. De acordo com a diretora de Projetos de Arte e Cultura da SMC, Roberta Alencastro, a idéia de criar o Acorde surgiu depois de uma visita a um projeto de formação de músicos na Venezuela, que existe há mais de 20 anos e já formou mais de 200 orquestras. Naquele país, à medida que as crianças vão se desenvolvendo na música, criam-se novos núcleos orquestrais.

O projeto Acorde começou em 2006 e teve como primeiro núcleo o Centro Municipal José Bonifácio, na Gamboa, que atende a jovens de comunidades próximas e de bairros vizinhos. As outras unidades funcionam na Escola de Música da Rocinha, em São Conrado, e na sede do Solar Meninos de Luz, em Copacabana. No total, são cerca de 120 alunos, sendo 40 na Gamboa e 80 no Pavão-Pavãozinho. Na unidade da Rocinha, a clientela ainda está em fase de recrutamento.

As unidades trabalham com a formação de músicos concertistas e grupos corais, sempre com intuito de ensinar as crianças como se dá a formação de uma orquestra. De acordo com o violinista-regente e coordenador de projetos educacionais da OSB, Bernardo Bessler, a primeira fase da aprendizagem

se concentra na atividade coral, na qual os alunos têm contato com leitura de partituras e desenvolvem a musicalidade.

Em seguida, começa o estudo de instrumentos de corda como violino, violoncelo viola e contrabaixo. "A ordem é esta porque primeiro vamos ensinar os instrumentos que são a grande massa das orquestras. Depois são introduzidos aos poucos os instrumentos de sopro: trompas, trompetes, oboés, fagotes, clarinetes, flautas...", explica Bessler. De acordo com ele, essa ordem de implementação é feita segundo cronologia das orquestras clássicas profissionais.

Com a formação já avançada, os jovens podem ser aproveitados no corpo orquestral da Orquestra Sinfônica Jovem, que alimenta a OSB. "Pode ser uma porta de entrada para futuros músicos", acredita Roberta. Para o coordenador de projetos educacionais da OSB, já é perceptível a mudança de comportamento de alguns meninos e meninas que participam do projeto. Com mais de um ano na Gamboa, é possível notar que a concentração, a auto-estima, o empenho e a socialização das crianças sofreu mudanças positivas. "Eles passaram a desenvolver o espírito crítico e a perceber como é realizado um trabalho coletivo", conta Bessler. Para ele, a proposta é democratizar o acesso à música, abrindo a oportunidade para que esses alunos tenham uma formação mais abrangente, que inclua a música.

De acordo com a diretora de Projetos de Arte e Cultura da SMC, para participar do Acorde é preciso estar matriculado em uma escola regular, já que é feito acompanhamento do rendimento escolar. De forma geral, segundo Roberta, já é possível perceber que houve um aumento no interesse e rendimento no conteúdo disciplinar da escola. Há também uma avaliação para o ingresso, segundo o coordenador do projeto, para constatar se a criança demonstra aptidão para se desenvolver de maneira positiva nas atividades. ■

ENDEREÇOS

- Centro Cultural José Bonifácio
Rua Pedro Ernesto, 80
- Gamboa
Tel.: 2233-7754 / 2233-6255
- Escola de Música da Rocinha
Av. Niemeyer, 776 - 17º andar
- São Conrado
Tel.: 3111-1166
www.emrocinha.org.br
- Solar Meninos de Luz
Rua Saint Roman, 149
- Copacabana
Tel.: 2522-9524
www.meninosdeluz.org.br



Ilha cultural de Santa Cruz

Antigo matadouro guarda um quarteirão de história e oferece arte aos moradores da Zona Oeste

Quem diria! O que foi empurrado para distante do Centro do Rio por ser considerado indesejável é hoje um pólo de cultura e lazer para uma região importante da cidade. O Matadouro Público de Santa Cruz, construído no século XIX (foto), já foi escola, passou por fases de abandono e hoje, após mais um período de restauração, recuperou sua beleza e ainda ganhou intervenções cirúrgicas que não o deixam atrás de nenhuma beldade do gênero. O prédio da sede administrativa do imenso quarteirão, chamado Palacete Princesa Isabel, hoje abriga o Centro Cultural de Santa Cruz Dr. Antonio Nicolau Jorge, a Biblioteca Popular Joaquim Nabuco e a sede do Ecomuseu¹ do Quarteirão Cultural do Matadouro.

Por uma ação conjunta da Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da

Memória Histórica e Cultural da Cidade do Rio de Janeiro (Sedrepahc), Rio-Urbe (responsáveis pela restauração e adequação) e Parques e Jardins, o palacete começou a ser restaurado em 2007 e foi reinaugurado este ano. São mais de 2 mil metros quadrados de área construída. O jardim, em estilo inglês e originalmente projetado pelo urbanista francês François Marie Glazou, tinha 30 mil metros quadrados. Entre o palacete e o local de abate, havia uma vegetação densa. “Era uma forma de barrar o mau-cheiro que o lugar exalava”, explica Laura Di Blasi, arquiteta e urbanista, especialista em restauração arquitetônica e gerente de Projetos e Obras da Sedrepahc. Ainda da época ▶

¹Ecomuseu é uma ação museológica com o objetivo de desenvolver o território e a comunidade onde a instituição está localizada, a partir da valorização da história e patrimônio locais.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ACERVO SEDREPAHC



de Glaziou restam figueiras e uma palmeira imperial, que ganhou a companhia de novas árvores da família para compor a fachada do prédio (foto) em estilo neoclássico.

O primeiro matadouro do Rio, à margem da Praia de Santa Luzia, começou a funcionar em 1774. Depois, foi para o Aterro de São Cristóvão, onde hoje é a Praça da Bandeira. Foi nas terras da Imperial Fazenda de Santa Cruz, na Zona Oeste, que o governo começou a construir, em 1873, o novo lugar para abate dos animais, inaugurado por Dom Pedro II em 1881. A idéia era levar para longe da corte a atividade que tinha, entre os inconvenientes, o cheiro exalado pelo sangue e vísceras. Mas o novo matadouro significou progresso para a região. Uma das novidades era a iluminação elétrica, garantida pelo gerador de energia importado da Suíça.

Altos e baixos – Até o imóvel ser tombado, em 1984, o local passou por períodos prósperos – quando começou, suas instalações eram maiores do que as dos abatedouros de Paris, Londres e Lisboa – e também por tempos de vacas magras. Parte do palacete, em 1886, abrigou a Escola Mista Santa Isabel para os filhos dos funcionários, que ocupavam já uma vila operária construída próxima ao abatedouro. Mas no início do século XX, a visão do governo republicano era a de que tecnologicamente o local era atrasado: era preciso colocá-lo a par das novidades tecnológicas – mas pouco foi feito. E começou o seu declínio. Nos anos 1920, a escola ocupava todo o palacete, sob o nome Escola Estados Unidos, que oferecia cursos de agricultura e apicultura, entre outros. Virou escola técnica, foi rebatizada mais de uma vez até que, na década de 1970, foi transferida para

um novo prédio e o palacete, abandonado. O processo de degradação de suas estruturas foi tão intenso que a edificação chegou a ficar sem teto.

Quase uma década depois do tombamento, o local foi incluído na Área de Proteção Ambiental e Cultural (Apac) de Santa Cruz. Nessa época, a Prefeitura começou as obras de restauração, planejando sua reinserção no cotidiano da comunidade. Em 2005, houve uma revisão do projeto de restauração e no ano passado iniciaram-se as obras, que incluíram uma prospecção arqueológica – uma exigência do decreto de 2003, que determina esse tipo de pesquisa sempre que se interfere no subsolo. Pelo serviço de arqueologia, descobriram-se antigas estruturas arquitetônicas que tornaram possível a recuperação das canalizações de drenagem originais.

Hoje, a parte externa tem paredes de cor bem clara, com janelas azuis. Como não havia fotos que mostrassem as cores originais, o pessoal da Sedrepahc se baseou em relatos de pessoas que estudaram no antigo colégio, ou de filhos delas. “Em restauração, quando não se tem certeza, nunca se arrisca”, explica Laura Di Blasi.

A arquiteta conta ainda que, pela estrutura da edificação, que tem paredes difíceis de ser “furadas”, muito grossas, como era comum na época em que foi construída, a estrutura auxiliar foi feita em vigas de metal, visíveis, assim como as eletrocaldas para que passasse a nova fiação. A estrutura da cobertura foi refeita toda em madeira e os arquitetos optaram por deixá-lo sem forro. O prédio tem formato de “U” e pé direito alto, de seis metros. Por isso, foi possível construir nas laterais dois pavimentos em cada lado, onde funciona a parte de logística e outros serviços. Contrastando com as paredes que deixam à mostra as pedras que a sustentam, a intervenção nesse caso também é visível, com portas de blindex e escadas e rampas em metal para cadeirantes. Os banheiros também são adaptados para garantir o acesso a todos.

O Centro Cultural, que possui um amplo acervo sobre o desenvolvimento de Santa Cruz, é muito visitado pelos moradores do bairro, especialmente por alunos e professores do entorno. A biblioteca tem mais de 13 mil livros. O local oferece ainda salas de exposição, de música, dança, artesanato e um auditório, que ainda será equipado e deve comportar cerca de 200 pessoas. ■

SERVIÇO

Palacete Princesa Isabel
– Centro Cultural de Santa Cruz
Dr. Antonio Nicolau Jorge
Rua das Palmeiras s/n – Santa Cruz. Tel.: 2418-3140.

De terça a sexta-feira, das 10h às 18h; sábados, das 12h às 20h.

Novos voos para o português

Conheça os detalhes da Reforma Ortográfica e vá se acostumando: o texto já segue a nova regra

Prepare-se para as consequências, leitor. A partir de janeiro de 2009, entrará em vigor o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O cronograma estabelecido pelo governo federal determina que o período de transição se estenderá até dezembro de 2012. Durante esse tempo, as duas normas serão aceitas, inclusive em exames escolares, provas de vestibular e concursos públicos. Em 2010, os livros escolares distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) já serão editados somente com a nova ortografia.

O Acordo Ortográfico é fruto do entendimento entre os oito países de língua oficial portuguesa em torno da unificação ortográfica, e a ideia é permitir um intercâmbio cultural maior e uma cooperação internacional mais eficiente entre Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor-Leste e Brasil. Para os brasileiros, as mudanças mais evidentes tratam da reinserção das letras K, W e Y no alfabeto, do emprego do hífen, da acentuação gráfica e da eliminação do trema.

Segundo o assessor especial do MEC Carlos Xavier, que acompanha as negociações sobre o acordo desde 1989, a unificação da ortografia vai facilitar a difusão da língua portuguesa. “Precisamos nos lembrar de que o mundo se reconheceu como mundo falando português, durante as navegações dos séculos XV e XVI, e hoje são milhões de usuários da língua espalhados pelos cinco continentes em comunidades falantes na Índia, China, Japão, Europa e Américas. Portanto, o acordo interessa e vai facilitar a difusão da língua em todas essas comunidades”.

Para Xavier, as traduções e edições de publicações acadêmicas e técnico-científicas serão facilitadas. “Outra questão que se coloca é o uso do português como língua de trabalho em reuniões internacionais, podendo, assim, ser usada na tradução das próprias reuniões e de documentos editados pelos organismos internacionais”.

A previsão é que as diferenças ortográficas existentes entre o português do Brasil e o dos demais países sejam eliminadas em 98%. Com isso, estima-se que 0,5% do vocabulário utilizado no Brasil sofrerá alterações, enquanto que em Portugal, no Timor-Leste e nos países africanos essa proporção será de 1,6%.

Veja algumas das mudanças provocadas pelo acordo e alguns exemplos:

TEXTO

LUÍS ALBERTO PRADO,
REDATOR-EDITOR DO PROGRAMA
SÉCULO XXI

As letras K, W e Y, que na verdade nunca caíram em desuso, voltam a fazer parte do alfabeto.	Exemplos: os símbolos de medidas, como km (quilômetro) e w (watt); palavras e nomes estrangeiros, como show, playground, William.
O trema está abolido.	Exemplos: tranquilo, bilíngue, cinquenta.
Está eliminado o acento agudo nos ditongos <i>ei</i> e <i>oi</i> nas palavras paroxítonas.	Exemplos: asteroide, Coreia do Sul, joia.
Está eliminado o acento circunflexo nas palavras terminadas em <i>eem</i> e <i>oo(s)</i> .	Exemplos: enjoo, zoo, (eles) leem, (eles) veem.
Não se usa hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com a qual se inicia a segunda palavra.	Exemplos: autoescola, infraestrutura, semianalfabeto.
Usa-se hífen sempre que o prefixo terminar na mesma vogal com a qual se inicia a segunda palavra.	Exemplos: anti-inflamatório, micro-ondas, semi-interno.

O decreto nº 6.583, com todas as mudanças geradas pelo acordo, está disponível no endereço http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm. ■

Este texto foi escrito já sob as novas normas da ortografia da língua portuguesa.

Onde encontrar a sua revista

Relação de endereços em que o leitor poderá ter acesso a matérias publicadas em NÓS DA ESCOLA

TEXTO Todos os meses, recebemos cartas, *e-mails* e telefonemas de pesquisadores, estudantes e educadores que gostariam de ter acesso a NÓS DA ESCOLA, mas não sabem onde encontrá-la, já que a revista é distribuída aos professores da rede municipal e não é comercializada. Além da versão on-line (www.multirio.rj.gov.br), disponível no Portal da MULTIRIO, ela é mensalmente enviada também a instituições de

BETE NOGUEIRA

FOTOS

REPRODUÇÕES

ensino ou envolvidas com questões da infância e juventude. Somente no Centro da cidade, é possível encontrar nossa publicação na Biblioteca Nacional, na ABL e na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, para citar apenas alguns locais. Se você conhece alguém que quer ter acesso a nossa publicação, mesmo que não more na cidade do Rio, por favor, indique-lhe os endereços que listamos a seguir.

• Academia Brasileira de Letras

Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça
Petit Trianon
Av. Presidente Wilson, 203 – 2º andar – Castelo
Biblioteca Rodolfo Garcia
Palácio Austregésilo de Athayde
Av. Pres. Wilson, 231/2º andar – Castelo

• Biblioteca da Escola de Comunicações do Exército

Av. Duque de Caxias, 325 – Deodoro

• Centro de Criação de Imagem Popular – Cecip

Largo de São Francisco de Paula, 34 – 4º andar – Centro

• Conselho Estadual de Educação

Av. Erasmo Braga, 118 – 10º andar – Centro

• Creche Universitária da UFRJ

Av. Brigadeiro Trompowsky, s/nº – anexo do IPPMG
– Ilha do Fundão

• Fundação de Apoio às Escolas Técnicas – Faetec

Rua Clarimundo de Melo, 847 – Quintino

• Fundação Biblioteca Nacional

Av. Rio Branco, 219-239 – 3º andar – Centro

• Fundação Darcy Ribeiro

Rua Almirante Alexandrino, 1.991 – Santa Teresa

• Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Rua da Imprensa, 16, salas 1.212-1.215 – Centro

• Nós do Cinema

Rua do Resende, 80 – Centro

• Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro

Rua Benjamin Constant, 23, sl.101 – Glória

• Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio

Faculdade de Educação
Rua Marquês de São Vicente, 225, Ala Frings,
3º andar – Gávea

• Solar Meninos de Luz

Rua Saint Roman, 149 – Copacabana

• The Library of Congress – Rio de Janeiro Office

Av. Presidente Wilson, 147 – 3º andar – Centro

• Unicef

SEPN Quadra 510 – Bloco A – 2º andar
Brasília – DF

• UniverCidade – campus Recreio

Faculdade de Educação
Estrada do Rio Morto, 555

• Universidade Castelo Branco – campus Realengo

Faculdade de Educação
Av. Santa Cruz 1.631

• Universidade Estácio de Sá – campus Rebouças

Faculdade de Educação
Rua do Bispo, 83 – Rio Comprido

• Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj

Faculdade de Educação
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

• **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**
– **UFRGS**

Biblioteca Setorial de Educação
Av. Paulo Gama, 110 – prédio 12201
Farroupilha – Porto Alegre – RS

• **Universidade Santa Úrsula – Cespi**

Rua Fernando Ferrari, 75 Prédio 6 – 4º andar
Botafogo

Em órgãos da Prefeitura

• **Biblioteca da Cidade das Crianças**

Km 1 da Estrada Rio–Santos – Santa Cruz

• **Biblioteca da Comlurb**

Rua Major Ávila, 358 – 1º andar – Tijuca

• **Bibliotecas Populares**

Consulte o *site* da Secretaria das Culturas
www.rio.rj.gov.br/culturas

• **Centro de Acolhimento Ayrton Senna**

Rua Marechal Rondon, s/nº – São Francisco Xavier

• **Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos – Creja**

Rua da Conceição, 74 – Centro

• **Centro de Referência da Educação Pública – Crep**

Av. Presidente Vargas, 1.314 – Centro

• **Controladoria Geral do Município**

Rua Afonso Cavalcanti, 455 – 14º Andar – Cidade Nova

• **Fundação João Goulart**

Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Anexo/9º andar, ala A
– Cidade Nova

• **Fundação Planetário**

Av. Padre Leonel Franca, 240 – Gávea

• **Funlar**

Av. Presidente Vargas, 1997 – 2º Andar – Centro

• **Guarda Municipal**

Av. Pedro II, 111 – São Cristóvão

• **Imprensa da Cidade**

Av. Pedro II, 400 – São Cristóvão

• **Instituto Pereira Passos**

Rua Gago Coutinho, 52 – 5º andar – Laranjeiras

• **Obra Social da Cidade**

Palácio da Cidade
Rua São Clemente, 360 – Botafogo

• **Procuradoria Geral do Município**

Travessa do Ouvidor, 4 – 23º andar – Centro

• **Riofilme**

Rua da Laranjeiras, 307 – Laranjeiras

• **Secretaria Especial de Comunicação Social**

Rua Afonso Cavalcanti, 455, sl. 1372 – Cidade Nova

• **Secretaria Especial de Publicidade, Propaganda e Pesquisa**

Rua Afonso Cavalcanti, 455, sl. 1375 – Cidade Nova

• **Secretaria Municipal de Administração**

Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Anexo – Ala B – 10º andar
– Cidade Nova

• **Secretaria Municipal das Culturas**

Rua Afonso Cavalcanti, 455/354 – Cidade Nova

• **Secretaria Municipal de Governo**

Rua Afonso Cavalcanti, 455/1338 – Cidade Nova

Outras cidades/estados

• **Biblioteca da Feusp**

Av. da Universidade, 308
USP – São Paulo – SP

• **Uerj/Rede Sírius/Biblioteca CEHD**

Rua Dr. Francisco Portela, 1.470
Paraíso – São Gonçalo – RJ

• **Universidade Estácio de Sá – campus Niterói**

Faculdade de Educação
Rua Eduardo Luis Gomes, 134 – Centro

• **Universidade Estadual de Campinas**

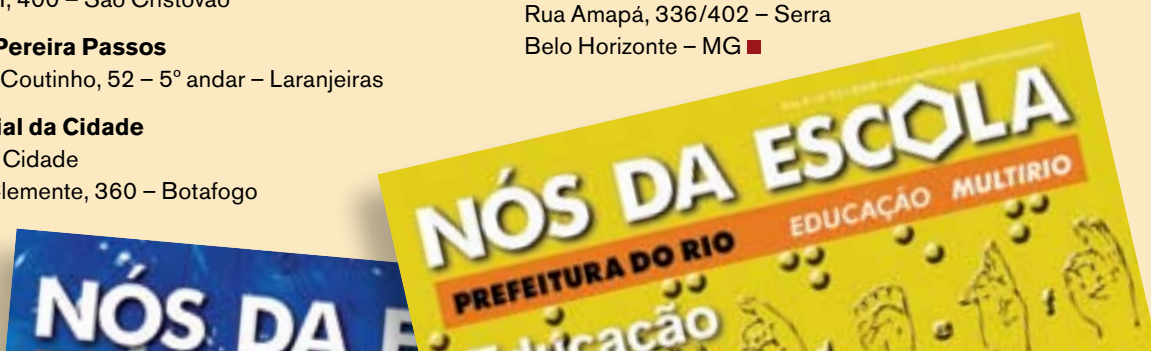
Instituto de Geociências da Unicamp
Laboratório de Técnicas Aplicadas na Educação
Cidade Universitária – Campinas – SP

• **Universidade Severino Sombra**

Biblioteca Central – Bloco Maria Ignez Lemos
Av. Expedicionário Oswaldo de Almeida Ramos, 280
Centro – Vassouras – RJ

• **World's Children's Prize for the Rights of the Child WCPRC no Brasil**

Rua Amapá, 336/402 – Serra
Belo Horizonte – MG ■



Novos tempos, velhos hábitos

Movimentos que aproximam a família e a escola continuam a contribuir para o sucesso dos alunos

TEXTO **Certo dia...**

EQUIPES DA SME E DA MULTIRIO

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Lembro-me quando era dia de reunião de pais da minha turma e a frequência era baixíssima. Três pessoas presentes: a mãe, a avó e o irmão mais velho de um aluno.

Sempre tentava acomodar o horário da reunião com os responsáveis para facilitar a presença de todos. Sabia que a maioria tinha compromissos com horários de trabalho ou com afazeres em casa.

Somente na reunião de final de ano os responsáveis apareciam. Era sempre assim... Mas nessa ocasião a reunião se transformava numa arena, quando os pais faziam sua catarata sobre os “erros” pedagógicos que os professores cometiam, ou sobre negligências da escola. Sempre queixas. Muitas queixas e quase nenhuma parceria.

Questões, tensões, reflexões

Não tenho dúvida. Os tempos mudaram. E essas mudanças provocaram algumas transformações na vida dentro da escola e em cada família.

Quando comecei a lecionar, os pais eram mais presentes, acompanhavam a vida escolar dos filhos mais de perto. A família era mais participativa. Apoiava a escola e seus professores. Um, cúmplice do outro. Os professores eram respeitados e valorizados.

Hoje, com todas as transformações ocorridas na sociedade e na constituição das famílias, a situação mudou muito.

Às vezes, tenho a impressão de que estamos em campos rivais, quando deveríamos estar unidos para o bem e o sucesso de cada aluno/filho. Os responsáveis acham que a escola só chama para conversar, para fazer cobranças. Por isso, eles não comparecem e quando vêm à escola chegam cheios de argumentos e, algumas vezes, de forma muito agressiva.

Por esses motivos, aqui no ciep, resolvemos criar o projeto Escola dos Responsáveis. Promovemos reuniões, sempre acompanhadas de um gostoso lanche coletivo, sobre os mais variados temas, sempre de interesse da comunidade e selecionados após pesquisa de opinião. Nossa última reunião teve como tema o aproveitamento de cascas de legumes e frutas na culinária.

No encontro anterior conversamos sobre juros e financiamentos e como calcular melhor para pagar menos.

Depois da oficina temática, lanchamos e conversamos sobre o planejamento das atividades da escola e o desenvolvimento de cada turma.

Com os responsáveis mais envolvidos na vida escolar dos seus filhos, ficou mais fácil agendar conversas individuais com os que precisam de atenção maior.

A cada dia que passa, nos surpreendemos com os resultados. Alguns pais presentes nas reuniões do Escola dos Responsáveis ficam tão envolvidos com o planejamento apresentado que acabam sugerindo atividades e se oferecem para contribuir de alguma forma.



Os possíveis porquês

Construir uma aliança entre responsáveis e professores é altamente produtivo e eficaz. Ambos devem agir em conjunto.

A escola deve, em primeiro lugar, mostrar coesão e transparência com seu planejamento, trabalhando em equipe, e principalmente nas relações com os alunos e seus familiares.

O objetivo de uma reunião dessas na escola é compartilhar a formação integral do educando; sem pretender buscar quem é mais ou menos responsável nesse processo. O importante é demonstrar que com parceria, cooperação e compromisso é possível alcançar melhores resultados. Aliás, é importante ter em mente que as reuniões de pais e educadores não servem para falar mal ou bem do aluno e sim para conversar sobre seus progressos e dificuldades, discutindo formas de solucionar problemas.

Os responsáveis não são professores e não têm obrigação de conhecer e estar atualizados sobre métodos ou teorias pedagógicas. Por isso precisam ser informados sobre como o trabalho na escola é organizado, como se dá a participação dos alunos nesse processo – sempre de forma atenta e aberta para o diálogo. Além disso, sabemos que na maioria das

vezes os responsáveis ouvem falar de novidades pelos jornais ou pela TV, nem sempre de forma elucidativa ou contextualizada, sem qualquer aprofundamento no assunto.

À escola cabe pensar os objetivos que levarão à transformação da realidade num processo contínuo e dinâmico, com uma proposta pedagógica coerente com a expectativa de sua clientela, reconhecendo que a aprendizagem é constituída na interação com o conhecimento, na realidade e vivência familiar.

É importante refletirmos sobre a visão de escola que os responsáveis trazem consigo. Ela pode ser um reflexo da vida escolar que eles mesmos tiveram em outros tempos, outros contextos e com propostas de trabalho bem diferentes das atuais.

Conhecer as expectativas dos alunos e de seus responsáveis em relação ao trabalho que será desenvolvido na escola, em cada ano, também é muito importante e facilita o entendimento entre escola e famílias. Observar valores, procedimentos disciplinares, higiene, afetividade etc. das famílias ajuda a evitar julgamentos equivocados ou preconceitos sobre “educações” diferentes, favorecendo a consolidação de diálogos positivos. ■

Modos de ver e agir

1. Da diretora convidada:

Lucinda Cardoso

Nossa proposta com este projeto é que o ambiente escolar seja transformado num ambiente de respeito e cooperação, para favorecer um bom entrosamento com as famílias. Sabemos que as crianças terão um bom desenvolvimento se estiverem inseridas num local de aprendizagem agradável, que lhes proporcione segurança, tranquilidade e alegria.

2. Da coordenadora pedagógica

convidada: Brenda Olívia Sampaio

O diálogo sempre deve prevalecer. Ter o grupo de responsáveis perto e atuante na escola colabora muito para o bom desempenho dos alunos. Isso não evita conflitos, mas funciona

como facilitador quando acontece algum embate ou mal-entendido.

Sempre devemos buscar o equilíbrio por meio de informações e reflexões.

3. Da professora convidada:

Angelica Cortez de Saldanha

É fundamental que os responsáveis fiquem próximos dos professores. O sucesso de qualquer trabalho, em qualquer área, depende de boas relações, de diálogos e trocas de informações constantes.

As crianças e os jovens percebem quando uma relação não é harmoniosa, jogam com isso. Desta forma, os adultos devem ficar atentos e colaborarem entre si, evitando mal-entendidos e perdas de energia com coisas que não trazem bons resultados.



Participantes e organizadores do Rio Mídia se confraternizam após três dias de debates e palestras

Mídias e educação pública

Encontro promovido pela MULTIRIO discute os novos papéis do professor na sociedade midiática

Num mundo em que a tecnologia e as novas mídias encurtam distâncias, agilizam o tempo e criam novas formas de percepção e de relação com o conhecimento, o professor se pergunta como ser um educador do século XXI. Foi sobre essa questão que procurou lançar luz o 4º Encontro Internacional Rio Mídia, realizado em agosto, no bairro do Flamengo, Zona Sul da cidade, pelo Centro Internacional de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes (Rio Mídia), vinculado à MULTIRIO. Durante os três dias do evento, painéis e mesas-redondas discutiram as mudanças de paradigmas que se apresentam ao professor no novo século, com foco numa questão central: a relação entre mídia e educação pública.

O público, estimado em 250 pessoas por dia, conheceu ainda um pouco do que será a próxima Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que abordará os desafios no mundo da comunicação dos jovens, em 2010, na Suécia. Presentes ao encontro do Rio, os

coordenadores do comitê organizador da cúpula, Per Lundgren e Bertil Johanson, ouviram as sugestões dos profissionais de educação da platéia e comentaram as perspectivas para o encontro de 2010.

Em sua quarta edição, o Encontro Internacional Rio Mídia mais uma vez tornou a cidade do Rio de Janeiro palco das discussões iniciadas em 2004, com a realização da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. O destaque para os temas que apontam para o futuro da sala de aula e o compromisso da discussão por uma mídia de qualidade foram uma marca do evento.

“Os quatro encontros organizados pelo Rio Mídia deram aos temas levantados na 4ª Cúpula novas oportunidades de reflexão e de comprometimento entre profissionais de educação e de mídia. Todos os eventos trouxeram a visão da mídia como um direito humano e aprofundaram as discussões iniciadas na 4ª Cúpula. Na época, o encontro provocou o debate que resultou na atual

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

classificação indicativa da programação da TV”, ressalta Regina de Assis, coordenadora geral da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes e presidente da MULTIRIO.

Três dias de discussões – No dia da abertura, o encontro procurou responder como a escola pública pode adaptar suas práticas pedagógicas ao contexto comunicacional de hoje, em que as diversas mídias permeiam as relações sociais, culturais, o acesso à informação e a forma de percepção dos alunos.

As respostas vieram em exemplos das próprias salas de aula, com a apresentação de três trabalhos de escolas da rede selecionados para a VI Mostra de Projetos Século XXI (www.multirio.rj.gov.br/seculo21). A sessão mostrou ainda como funcionam os núcleos de produção de TV, impressos, cinema e *web* da MULTIRIO, que buscam oferecer mídia de qualidade e estimular reflexões que incorporem o uso de mídia como parte do cotidiano das escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Uma visão da programação de qualidade na TV, como direito assegurado pela Constituição aos cidadãos brasileiros, foi a temática do painel sobre direitos das crianças e dos adolescentes, que abriu os debates do segundo dia 4º Encontro. Domingos Savio Dresh da Silveira, procurador regional da República no Rio Grande do Sul, e o colunista do jornal *Folha de S. Paulo* Daniel Castro compartilharam com os presentes a discussão sobre a qualidade dos programas exibidos ao público infantil nas redes aberta e fechada da televisão brasileira.

“A mídia nos coloca que o único tipo de controle possível é o controle remoto. Não está gostando, então muda de canal. Isso não é verdade. Existem instrumentos para superar esse quadro, como a atuação dos conselhos tutelares e a classificação indicativa. Nós, cidadãos, podemos reclamar de programas inadequados ao Ministério Público. O professor, por sua vez, tem o papel de criar cidadãos televisivos, com uma atitude mais crítica diante da TV”, disse Silveira.

A discussão seguiu com a mesa-redonda sobre o que é ser professor no século XXI. Ana Smolka, professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ressaltou como é necessário saber

lidar com o acúmulo de conhecimento, já que o professor do século XXI tem incorporada toda a produção intelectual dos séculos passados. O desafio é, portanto, transformar sua prática constantemente, levando em conta as produções culturais e históricas atuais. A professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Wania Clemente reforçou a idéia de que hoje é necessário estender e reinventar a prática educativa.

Já a diretora do Departamento de Mídia e Educação da SME, Simone Monteiro, mostrou o resultado de uma pesquisa feita na rede sobre o que é ser professor no século XXI. “A pesquisa mostra uma preocupação do professor em ser plural, dialogar com o novo, estar aberto às novas tecnologias e linguagens, mas sem perder suas raízes, seus valores, sua vivência. Temos que pensar quais são nossos desafios frente à velocidade, às novas tecnologias, à fragmentação e à turbulência”, disse Simone.

Experiências internacionais de mídia e educação com grande êxito também tiveram destaque durante o encontro e contribuíram para a definição do que pode ser considerado mídia de qualidade e mídia educativa. No último dia do evento, a mesa-redonda Mídia de Qualidade apresentou duas iniciativas: a Rede Latino-americana de Portais Educativos (Relpe), uma rede regional de portais educativos nacionais, e a Novasur, TV Educativa do Conselho Nacional de Televisão do Chile (CNTV). ■

SAIBA MAIS

A cobertura completa do 4º Encontro Internacional Rio Mídia está disponível no site www.multirio.rj.gov.br/riomidia.



Mídia audiovisual e formação de professores

TEXTO

ROSÁLIA DUARTE*

ARTE

DAVID MACEDO

*Da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Como citar este texto:

DUARTE, Rosália. Mídia audiovisual e formação de professores. <http://www.grupem.pro.br>

Tem-se falado muito no Brasil da necessidade de incorporar a vasta produção audiovisual brasileira ao cotidiano de nossas escolas públicas, tendo como objetivo, além da formação do gosto, a ampliação da capacidade de análise e de crítica dos espectadores em relação aos produtos audiovisuais de grande público veiculados pela TV. Entretanto os professores do ensino fundamental e médio geralmente não dispõem de uma preparação específica para isso em sua trajetória escolar e acadêmica.

Poucos cursos de formação de professores têm laboratórios de informática e/ou de recursos audiovisuais, e raramente são oferecidas disciplinas voltadas para análise, uso e produção desse tipo de material. Isso deixa uma lacuna na formação desses profissionais, da qual muitos reiteradamente se queixam.

Para enfrentar esse problema, é preciso agir em diversas frentes, contudo é na formação de professores que podemos construir soluções mais eficazes. Uma primeira medida deveria ser a adoção regular do uso de imagens (fotografia, cinema e televisão) pelas diversas disciplinas que compõem os currículos oficiais dos cursos de pedagogia e de licenciatura. Além da exibição de filmes e dos debates realizados a partir deles, muitas atividades que já fazem parte da prática pedagógica desses cursos podem ganhar em qualidade com o uso da fotografia e do vídeo: apresentação de seminários, relatórios de observações em escolas, prática de ensino supervisionada, realização de trabalhos de conclusão de curso, registro de visitas a instituições, treinamento de monitores e assim por diante.

Fotografia – Nesse sentido, pode-se propor, por exemplo, aos estudantes, a realização de pequenos ensaios fotográficos ou videográficos que abordem conteúdos trabalhados em sala de aula, tais como diversidade cultural, relação família/escola, dificuldades de aprendizagem, transposição didática de conteúdos curriculares, organização e gestão escolar, relações de gênero na escola, entre tantos outros. Isto é, em vez de nos restringirmos exclusivamente aos textos

escritos, deveríamos propor e ensinar a realizar trabalhos e experiências que envolvessem o uso de registros em imagem ou imagem-som e discutir coletivamente as técnicas e o modo de realização desse tipo de material, de forma a que possa ser tomado como fonte de informação e de produção de novos conhecimentos.

Em países como o Brasil, cujas escolas públicas em geral dispõem de poucos recursos materiais, o uso das câmeras fotográficas e sua exploração na produção de diferentes tipos de registros e de materiais pedagógicos é um bom começo, pois mesmo em contextos de privação material é possível encontrarmos câmeras e estudantes e professores com relativa intimidade com a fotografia. Hoje, mesmo os celulares mais simples fotografam e filmam. Preparar futuros professores para lidar com esse recurso, de forma criativa e original, contribui para que venham a desenvolver alternativas de trabalho em sua prática profissional. É necessário, entretanto, que sejam oferecidos subsídios teóricos e práticos para instrumentalizar os estudantes para o recurso à fotografia como o registro de observações de aulas de outros professores, realizadas nas escolas durante o período de prática de ensino supervisionada – há aspectos éticos, pedagógicos e técnicos a serem considerados. O uso da imagem de outrem, mesmo com fins acadêmicos, científicos ou educacionais só pode ser feito com expressa autorização deste e, no caso de ser menor de idade, com autorização dos pais.

Além disso, registrar aulas de outro professor, observadas com fins de aprendizado e de treinamento, de modo a torná-las fonte de conhecimento e de reflexão sobre a prática pedagógica, exige, além da concordância deste, algum domínio da técnica e uma definição prévia dos objetivos a serem alcançados. Requer um projeto para a captura das imagens (o que será fotografado e como), um roteiro para a edição e/ou montagem das imagens e algum tratamento delas para a elaboração do relatório final. Vale lembrar que o que fica impresso em um registro fotográfico não é uma parcela do “mundo real”, mas uma imagem, tão carregada

de conceitos e significações quanto qualquer outra forma de texto.

Assim, nesse tipo de proposta pedagógica é necessário considerar e discutir com os estudantes que, longe de serem janelas para a realidade, fotografias são transcódificações de processos, dotadas de uma magia nem sempre passível de explicitação. Desta forma, ao propor aos estudantes de cursos de formação de professores a realização de ensaios fotográficos sobre alguns dos conteúdos programáticos das disciplinas que compõem o currículo de seus cursos, estaremos dando a eles a oportunidade de codificar textos e conceitos em imagens e de, ao fazer isso, perceber as imagens como metacódigos de textos que, para serem compreendidas, precisam ser decifradas, decodificadas em suas estruturas de significação.

Vídeo – Um pesquisador brasileiro¹, analisando o modo pelo qual orientadores de aprendizagem do Telecurso 2000 lidavam com os recursos audiovisuais fornecidos pelo projeto, encontrou uma monitora de uma pequena escola de uma cidade do interior do Brasil que, insatisfeita com um dos produtos audiovisuais sobre poluição ambiental, tomou emprestada a câmara doméstica de um dos alunos e filmou com eles os rios que cortavam aquela cidade.

Tendo feito uma edição simples das imagens coletadas (transferindo apenas as melhores tomadas para outra fita), a orientadora de aprendizagem passou a exibir seu próprio vídeo nas aulas de geografia como recurso privilegiado para a discussão do problema.

Experiências como essa sugerem que, mesmo participando de um projeto onde todos os materiais didáticos vêm prontos, os professores sempre encontram uma maneira de criar os próprios materiais didáticos, adequados a sua realidade. Temos muito a ganhar, portanto, ensinando a futuros professores técnicas de produção e reprodução de imagens e a gramática da linguagem audiovisual.

Filmes – Outra medida que se pode adotar nos cursos de formação de professores é a exibição regular (e planejada) de parte do imenso e valioso acervo de obras da cinematografia mundial que foi posto a nossa disposição com o advento do

DVD. Ensinar a ver, selecionar e exibir e analisar filmes implica necessariamente ver junto e falar de filmes em ambiente acadêmico, exatamente como falamos de livros didáticos ou textos literários. Precisamos passar a indicar filmografias, do mesmo modo como indicamos bibliografia, para o aprofundamento dos diferentes temas que abordamos em nossas disciplinas.

O cinema é um instrumento precioso para trabalhar a diversidade cultural em uma sociedade complexa e heterogênea como é a brasileira – pode ensinar a conviver com o diferente, com os valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos distintos grupos sociais que integram essa sociedade. Exibir filmes que apresentam diferenças sociais, sexuais, raciais, físicas etc. pelo ângulo de quem as vivencia pode ser uma estratégia bastante eficiente nesse sentido. Pode-se exibi-los dois a dois, durante uma mesma sessão, explorando semelhança ou contraste nas narrativas ou modos diferentes de uso da linguagem audiovisual.

Aproximar textos filmicos de textos acadêmicos é uma excelente estratégia para trabalhar temáticas complexas com os estudantes, pois a imagem em movimento tende a pôr ao alcance do espectador realidades e experiências muito distintas das dele. Além disso, esse recurso permite abordar um mesmo problema sob diversos ângulos e perspectivas.

Para serem valorizados pelo que são e não apenas pelo uso que se pode fazer deles, textos filmicos, assim como textos literários, precisam ser apresentados com o máximo possível de referências: país de origem, língua, direção (dados biográficos), ficha técnica, premiações, significado que tem no contexto da cinematografia de origem e/ou no cenário mundial e assim por diante.

Guias de vídeo, jornais, revistas especializadas, *sites* da Internet e, obviamente, livros sobre cinema oferecem dados completos. O uso de filmes em ambientes educacionais exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Filmes não são decalques ou ilustrações para serem acoplados a textos escritos como apêndices hierarquicamente inferiores. Narrativas filmicas são fonte de conhecimento: falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso. ■

Referências bibliográficas

- BERGALA, Alain. L'Hypothèse cinéma: petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs. Paris, *Cahiers du Cinema*, 2002
- DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- _____. A violência em imagens filmicas. *Educação e Realidade*, (22)2: 136-46, julho/dezembro de 1997.
- _____. A pedagogia da imagem filmica: filmes como objeto de pesquisa em educação. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 10(1): 103-24, Rio de Janeiro, Uerj/NAI, 2000.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

¹Ferraz, 2000.

A literatura infantil afro-brasileira como instrumento de reflexão e ação

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

As histórias infantis exercem tanto poder e encantamento sobre as crianças que permitem a ampliação de sua narrativa às diversas disciplinas. A escola é o espaço de alargar, conhecer e ressignificar universos que possam dar outros significados à vida, contribuindo para compreender a realidade de outras maneiras. E nela a herança africana deve ter um espaço garantido e valorizado.

Como produtora de saber, a oralidade marcou a cultura africana, caracterizada pela magia do verbo. Havia mestres da palavra, *griots* ou *diêli* (profissionais que entendiam de música, canto e genealogia), *domas* (sábios em conhecimentos tradicionais), *silatiguís* (sacerdotes, chefes espirituais) e *marabus* (adivinhos)... A circulação do saber se dava pela oralidade.

Na sociedade africana, o ato de estar disponível a ouvir ou ter certeza de ser ouvido está intimamente ligado à noção de que o outro é parte de quem ouve, na medida em que somos todos, mesmo que diferentes, formados por uma só essência denominada *axé*¹.

Ao usarmos a linguagem falada, seja como narradores ou ouvintes, o primordial é garantir que essa troca seja feita e que além de informar tenhamos a oportunidade de nos formarmos e nos transformarmos para o exercício da cidadania.

A tradição escrita – Muitos acreditam que não havia escrita na África, o que não é verdade. A escrita faz parte das culturas africanas desde as civilizações egípcias. Antes de 1500, o árabe foi largamente utilizado como língua comercial e cultural. No Brasil, quando se deu a Revolta dos Malês, escravos escreviam panfletos e se comunicavam em árabe.

¹Axé – termo de origem ioruba que significa a força que permite a realização da vida; que assegura a existência; que possibilita os acontecimentos e as transformações” (Lopes, 2006:24)

Ao se apropriar da literatura, a escola transcendeu o uso meramente didático e fez a criança mergulhar em si e trazer à tona o desejo de aprender. Mais do que transmitir conteúdos, literatura é arte. E, como qualquer expressão artística, o conhecimento que se dá por seu intermédio só terá valor se levar o outro em consideração. Assim, é preciso que estejamos atentos para perceber que valores estão implícitos nessas obras e como esse “outro” é visto.

Literatura afro-brasileira – Antes que o afrodescendente conquistasse espaço para representar o negro de forma digna e real, a literatura brasileira já usava o preconceito contra o povo e a cultura africana. Mas a historiografia desta literatura já caminha a passos não largos, diríamos médios, para resgatar vozes esquecidas, desconstruindo um imaginário literário preconceituoso.

Segundo Lopes (2006), a literatura afro-brasileira tem escritores de diferentes categorias: “aqueles cujas referências às origens se escondem nos símbolos ou no eruditismo que utilizam; aqueles que usam sua africanidade para com ela fazer literatura simpática e pitoresca; e, finalmente, aqueles que utilizaram a literatura como arma ou instrumento de combate. Modernamente, temos importantes escritores afrodescendentes, como ensaístas, historiadores, além dos poetas e ficcionistas militantes.” (Lopes, 2006, p. 98)

Instrumento de reflexão e ação – Carregada de ideologias, linguagem simbólica e facilmente enraizada nas mentes das crianças, a literatura infantil precisa ser escolhida e trabalhada com cuidado e de forma crítica, ética e étnica.

Somente a partir de 1930 torna-se maior a produção literária destinada à criança, incluindo personagens negros. Seus papéis eram o de contadores de histórias que transmitiam histórias de origem africana. Essas histórias eram contadas por pretas velhas, associadas



Maryan F. Espínola

Professora II na E. M. República da Colômbia (Barra da Tijuca, 9ª CRE). Pós-graduada em história da África e do negro no Brasil pela Universidade Cândido Mendes (Ucam).



ILUSTRAÇÃO DAVID MACEDO

à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotípia e simplificação características. (Gouveia, 2000).

Desde, principalmente, a década de 1970 houve então uma proliferação de livros infantis, dos mais variados assuntos, mesmo que ainda haja poucos que tratem de forma respeitosa e real as minorias do país.

Quando nos referimos aos contos afro-brasileiros, sempre encontramos conhecimentos e saberes de resistência, como o canto, as rezas, os gestos corporais, o som dos instrumentos, os usos da palavra cantada ou versada. Todos esses elementos se encontram e nos permitem conhecer a nossa história.

Majoritariamente, as histórias abordam idéias e concepções capazes de promover e sustentar comportamentos favoráveis à convivência e ao respeito, à igualdade nas relações entre crianças e jovens, homens e mulheres, ética e etnicamente corretas.

Papel da escola – A tradição africana, com seus contos repletos de valores, seu modo de educar, dando à vida e ao saber um caráter de interdependência e interligação, contribui imensamente para a construção de melhores relações, de modo a concretizar uma sociedade de real valor, ético e étnico.

Cabe à escola, sob fiscalização dos Conselhos de Educação, embasados pela Lei 10.639/2003, assumir e trabalhar a tensão vivida entre as diferentes etnias no espaço escolar, de forma ética e plural.

Só assim estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural e cidadã e formando cidadãos brasileiros cômnicos de seu papel como sujeitos históricos e como

agentes de transformação social (Oriá, 2005, p. 386).

São inúmeras as recomendações que poderiam ser feitas, como: introduzir os temas da cultura africana e afro-brasileira através de lendas, contos, cantigas, brincadeiras, vocabulário, hábitos alimentares, abordando sempre aspectos do conteúdo histórico, para não correr o risco de folclorizar; além de políticas públicas que permitam a atualização de docentes, promovendo pesquisas e divulgação de materiais específicos da temática.

A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante a vida. A própria vida era educação (Bá, 1982, p. 208). Sendo assim, se educação é vida e nós ocidentais não temos conseguido viver de forma educada, em muitos sentidos, devemos então buscar um novo caminho pautado na matriz africana. ■

Referências bibliográficas

- BÁ, A. Hampaté. A tradição viva. *História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África* – coord. do vol. J. Ki-Zerbo. São Paulo, Ática, [Paris], Unesco, 1982.
- GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. Texto apresentado no XXIII Congresso da ISCHE (International Society Conference of History of Education), Alcalá de Henares, Espanha, 2000.
- LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo, Selo Negro, 2006.
- LIMA, Mônica. Aprendendo e ensinando história da África no Brasil. In: Colóquio Internacional Ensinando Estudos Étnicos Afro-americanos e Africanos na América Latina. Ceao/UFBA, Salvador, 19 e 20 de dezembro de 2005.
- ORIÁ, R. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005.

Aprendizagem em movimento

A era da informação trouxe consigo um fluxo intenso de palavras, sons e imagens que transitam por uma rede global, expandindo e questionando os limites de tempo e espaço. Uma onda imensurável de informações percorre o globo terrestre em segundos, interage e torna cada vez mais complexa a compreensão do mundo que nos cerca. Conceitos antes absolutos estão expostos a um processo de descobertas em que todo conhecimento já nasce com prazo para expirar e é reinterpretado, reinventado ou descartado numa velocidade inédita. O mundo conectado pelas redes de comunicação abre novas formas de interação e acesso ao conhecimento. Mas de que forma tudo isso afeta as relações entre aluno e professor nos dias de hoje? Teria o professor que se tornar um especialista em novas tecnologias, uma espécie de ciberprofessor que domina as novas linguagens para estar atualizado? Este é um tempo que anuncia desafios para a educação. O professor hoje precisa estar consciente de seu papel que extrapola o uso da tecnologia como simples ferramenta. A proposta é mais ousada: ver o conhecimento como uma grande jornada, em que ele e o aluno devem embarcar juntos.





As escolas compreendem os benefícios de adotar tecnologia na sala de aula, mas muitas vezes os professores se vêem atados, sem saber como utilizar determinado instrumento. Mas, antes mesmo de entender o como, é necessário compreender o porquê de se apropriar das novas linguagens: a necessidade de reavaliar as práticas e a postura pedagógica frente às transformações operadas pelas novas tecnologias na sociedade, da qual a escola faz parte.

“Os computadores, os *palm*s, os *ipods*, os *iphones*, o Skype e as redes virtuais vão possibilitando incontáveis novas formas de interação – com os outros e consigo mesmo. Os modos de ler, escrever, pensar, memorizar e organizar a rotina vão sendo afetados pelos instrumentos técnico-semióticos que são produto do trabalho humano e transformam as próprias condições de trabalho. Essas novas formas, que permeiam e constituem as práticas sociais, permeiam também a escola como instituição social”, explica Ana Smolka, professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nesse contexto, a transformação do modo pelo qual as crianças percebem o mundo trouxe uma nova forma de lidar com o conhecimento. No livro *Os exercícios do ver*, um dos mais notáveis pesquisadores da área da comunicação, Jesús Martín-Barbero, descreveu, com o psicólogo e professor colombiano Germán Rey, a nova forma de conhecer o mundo: “Estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo o que isso implica de continuidades e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos, pois é por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, vídeos e hipertextos”.

É nessa teia interativa de informações mediadas pela tecnologia que está imerso o aluno que o professor encontra cotidianamente na sala de aula. Aquele não é mais o aluno-figurante, que apenas escutava e costumava aceitar como verdades irrevogáveis aquilo que o professor, ►

TEXTO

JULIANA SARTORE E

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

o grande protagonista da história, explicava de forma linear. O aluno é hoje um aprendiz atingido diariamente por um contínuo e diversificado fluxo de informações, a partir das quais também constitui seus conhecimentos e valores. Ele ouve, assiste, lê e interage, opinando e, inclusive, recolhendo o conteúdo que quer conhecer.

Postura crítica – Os jovens de hoje têm grande facilidade de lidar com a tecnologia, pois cresceram acompanhando seu desenvolvimento. O professor precisa estabelecer os diálogos possíveis e manter a curiosidade sempre aguçada. “Os jovens aprendem desde cedo a utilizar o computador, o celular e criam linguagens próprias. O que o professor precisa fazer não é se colocar no lugar do aluno, mas estabelecer sua própria relação, baseada em suas experiências. Ele precisa ter curiosidade e não ser refratário a essas novas tecnologias e linguagens, mas incorporá-las de forma crítica à sua prática pedagógica”, avalia a diretora de

Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, Simone Monteiro.

Ela acrescenta que hoje a idéia que precisa imperar é a de um “professor coletivo”. Além de trabalhar junto com os alunos, é importante que ele trabalhe com outros professores e pense junto com eles. “É importante trabalhar projetos conjuntos. Isso não é novidade, mas reveste-se de grande importância no contexto atual, porque é uma forma de partilhar diferentes práticas, de trocar experiências. O professor tem que ter em mente que todos participam da produção do conhecimento na escola, inclusive os alunos. Nesse cenário de mudanças, interagir com outros olhares é fundamental”, comenta Simone.

Se o conhecimento não depende mais exclusivamente do professor diante das mais variadas, rápidas e multimidiáticas formas de acesso à informação, a única conclusão imediata é que não é mais possível continuar a seguir modelos antigos e fechados, alijados da realidade presente. A transformação que se desenvolve na sociedade redefine também as relações que se passam na escola. “As novas tecnologias modificaram as maneiras de passar informações, de produzir e divulgar o conhecimento, de se apropriar dele. Pluralidade, diversidade, simultaneidade, instantaneidade e efemeridade são marcas dos modos contemporâneos de viver. Essas marcas, intrínsecas a todas as práticas, afetam os modos de ensinar e aprender dentro e fora da instituição escolar. Afetam profundamente os modos de professores e alunos lidarem com o conhecimento”, conclui Ana Smolka.

O acesso à informação na sociedade hoje tem fontes múltiplas, é concomitante, contínuo, interativo, veloz e sofre cruzamentos e interferências de todos os lados, expondo o indivíduo, seja criança, adolescente ou adulto a uma reformulação permanente de suas idéias e conceitos. Não é mais possível, por exemplo, supor conceitos permanentes, imunes às descobertas científicas ou à relativização frente às várias interpretações disponíveis na rede.

Mesmo quando não tem a consciência de que o conhecimento é algo construído continuamente e que depende de suas buscas e descobertas, o aluno já se relaciona com a informação



sob uma nova perspectiva, a da participação. Estando ou não presentes em sala de aula, as novas mídias, que possibilitaram o surgimento de um aluno que busca suas próprias informações, exigem uma nova didática.

A sala de aula que dialoga com esse novo cenário é interativa, aberta à participação, a reflexões coletivas; um espaço onde um tema é apenas um ponto de partida que pode levar a várias descobertas em diversos campos de conhecimento; um ambiente onde o aluno encontra terreno fértil para explorar novas informações, assim como na grande rede.

Desde o berço – Para a educadora Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, é importante entender a nova lógica de transmissão dos saberes no mundo tecnológico, para que o educador possa se integrar a esse novo processo cognitivo. “As gerações da década de 1990 nasceram diante da TV, no mundo digital. Esse grupo vê o conhecimento como algo concomitante. As crianças não necessitam de uma relação de mediação seqüencial com o conhecimento, como fazia a escola tradicional, porque não aprendem apenas de forma seqüencial; elas aprendem a aprender em redes de conhecimento. O conteúdo do celular, do MP3, tudo provoca. As crianças já trazem consigo conhecimento, acessando as diversas mídias desde pequenas”, destaca.

Para Regina, esse é um cenário muito diferente daquele do professor que falava para um grupo de alunos que apenas o escutava. “O que o aluno pretende conhecer não está apenas no professor. As linguagens das mídias provocaram uma *desierarquização* da sala de aula, pois não existe mais a hierarquia do saber absoluto do professor. O cenário atual é de um ensino que não é individual, mas coletivo, em rede, interativo e concomitante. Sendo assim, é mediado por novas linguagens e suportes, como o rádio, a internet, a publicidade e o MP3. Essas são múltiplas abordagens de acessar conhecimentos e valores, múltiplas na busca à informação e ao conhecimento”, explica.

Não existe mais um professor ensinando sozinho, mas diversas fontes de conhecimento que convidam o indivíduo a participar, sendo ele mesmo um provedor de conteúdo. É por isso que as novas tecnologias propõem o fim

da relação de ensino-aprendizagem baseada na repetição mecânica de conhecimentos ou, em termos mais práticos, na conhecida decoreba. Um sala de aula passiva, nos moldes do século XX, fica cada vez mais desinteressante, pois se distancia da forma de aprendizagem interativa que já se tornou parte da vida do aluno.

Para estar em sintonia com as mudanças na sociedade, a escola precisa reconhecer que dispõe de novos aliados no processo pedagógico. As diferentes mídias com as quais os alunos interagem diariamente são as mesmas que podem tornar a sala de aula um ambiente mais aberto e interativo, além de expandir o acesso à informação. Mas utilizar a mídia por si só, sem enxergar as novas relações propostas, é um esforço em vão. Afinal, o que muda de fato para o aluno ao assistir a um vídeo sem que seja aberto um espaço à reflexão e às suas opiniões? De nada adianta se as novas linguagens forem usadas apenas como suporte numa sala de aula em que as relações ainda são de hierarquia e repetição de conhecimentos.

“Hoje há múltiplos mestres que ensinam por múltiplas linguagens. Esse processo é intermediado por novos parceiros, que se compreendidos poderão ser mais bem utilizados. Um adolescente em frente da TV ou do computador não é necessariamente apático. Ele está ali raciocinando, sendo provocado por linguagens interativas que também o chamam a aprender. Mas dizer que basta usar mídia para estar atualizado com o papel do professor no século XXI é uma falácia. O professor precisa entender o convite de ser tão curioso quanto o aluno diante dos computadores, dos jogos, das novas linguagens. Ele precisa entender como essas novas linguagens facilitam a constituição de conhecimentos e valores e quais são os resultados que elas provocam. É preciso saber não só como usar, mas quais as conseqüências sobre a aprendizagem do aluno”, explica Regina de Assis.

A opinião é compartilhada por Simone Monteiro. Para ela, as mídias não podem servir apenas para ilustrar a aula; elas precisam ser incorporadas à prática pedagógica do professor. “Não se pode cair num tecnicismo, de pôr a técnica em destaque. A sala de aula não pode se transformar em uma Hollywood pedagógica, uma pirotecnia sem conteúdo. A prática irá ajudar o professor ►

a descobrir novas formas de incorporar o uso das mídias”, pondera.

Olhar provocador – O educador integrado a seu tempo deixou de ser um simples transmissor para ser um mediador, um parceiro do aluno na interpretação crítica da enxurrada de informações que este recebe dia a dia. Na sociedade da informação, gerenciar o volume incalculável de dados se tornou essencial para compreender o mundo. É papel da escola ajudar o aluno a filtrar essas informações desconexas, a contextualizá-las e a interpretá-las, transformando-as, de fato, em conhecimento para a vida. “O conhecimento continua a ser a matéria-prima do professor. Ele tem a função de estimular o espírito crítico do aluno, prepará-lo para dialogar com essa realidade na qual está inserido”, diz Simone.

O professor deve ser um provocador do conhecimento e da crítica, para que o aluno veja que o saber é constituído e não recebido como um pacote pronto e acabado. Um dos maiores valores que esse professor pode trazer à escola é o de ser um questionador, que não aceita verdades absolutas e parte, junto ao aluno, em busca de respostas, sendo capaz de trocar e ver-se também no papel de aprendiz.

Essa parceria é um dos pilares da educação neste século. Trabalhar em grupo de forma cooperativa e explorar o diálogo enriquece a aprendizagem, baseada numa troca de informações em que inclusive o professor amplia seus conhecimentos com as perspectivas apresentadas por seus alunos. As experiências deles também são um rico recurso para a escola. Por isso, é preciso que o professor não leve um conteúdo pronto para a sala de aula, mas que produza o conhecimento na interação com seus alunos. Substitui-se, assim, a monotonia da decoreba pelo prazer da descoberta, do desafio, com crianças e adolescentes capazes de interpretar o conhecimento, em vez de simplesmente aceitá-lo.

“O professor precisa entender que a aprendizagem deixou de ser maçante para ser um ato de curiosidade, de ação. Cabe a ele provocar nos alunos a necessidade de buscar mais, de encontrar soluções nos diversos campos do conhecimento. Os professores devem ser sempre os desequilibradores, os desestabilizadores,

no sentido de criar dúvidas e não trabalhar por verdades únicas, mas por certezas provisórias. Educação é ofício de transformação e não de cristalização de conhecimentos e valores”, ressalta Regina de Assis.

Tudo isso significa, por exemplo, o esforço contra comportamentos muito comuns, como a cultura da nota, em que o objetivo da educação é, por vezes, confundido, e os alunos se aplicam à simples memorização de conceitos que cairão na prova. Esse tipo de relação com a aprendizagem empobrece o papel do professor, que fica reduzido a um reproduzidor de informações limitadas, sem estimular o verdadeiro desenvolvimento do aluno enquanto indivíduo crítico e capaz de atuar sobre sua realidade.

A própria globalização conduziu o mundo a um estado de competição intensa que favorece a padronização do ensino. A transitoriedade cada vez mais veloz do conhecimento e dos produtos faz os jovens se sentirem sempre ultrapassados em seu próprio presente. Tudo se transforma continuamente e cria uma atmosfera de ansiedade que aprofunda a busca por soluções a curto prazo, o pragmatismo da sociedade. Esta cobra da escola informações prontas e de efeito imediato que diferenciem o aluno no processo competitivo, em vez do processo de descoberta e construção do conhecimento. Cabe à escola resistir a essa pressão, combatendo o pragmatismo exacerbado e exercendo o seu papel na construção de mentes criativas e curiosas.

Estabelecendo conexões – A interdisciplinaridade também se fortalece como marca da escola do século XXI. Ao lidar com um mundo em que os diversos campos de conhecimento estão em plena interação, não se pode mais tratar as disciplinas como caixas fechadas e isoladas. Assim como nas redes virtuais de informação, em que um conteúdo se abre em diversos outros, através de hipertextos, o conhecimento na sala de aula pode ser apresentado com todas as suas conexões com outras áreas afins. Evidenciando relações e influências, a escola estará ajudando a formar uma visão global do conhecimento.

Contudo, nenhum esforço será eficaz se os conteúdos curriculares não estiverem articulados à vivência dos alunos, ao tipo de situações, dúvidas e aspirações que eles experimentam em



seu cotidiano. Daí a necessidade de o educador se inteirar da realidade social dos estudantes, aliando o conhecimento da sala de aula aos fatos que têm importância para eles, de forma a incentivar a reflexão.

A atenção à realidade social do aluno faz ainda parte de um traço mais amplo da conduta da escola do século XXI: o acolhimento. Acolher os estudantes em sua diversidade, respeitando a identidade e as habilidades de cada um faz parte do perfil da escola atual. Em 1996, o Núcleo Curricular Básico Multieducação, norteador dos projetos pedagógicos das escolas da Prefeitura do Rio, já previa o respeito à pluralidade como marca da escola comprometida com o futuro.

A proposta ressalta o comprometimento dos professores em acreditar na capacidade de todos os seus alunos, independentemente de seu comportamento e de seu histórico. “Mas a verdade é que não existe professor ideal, tampouco pessoa ou relação ideal. Muito menos a turma ideal, onde todos sejam iguais, perfeitos, de acordo com nossos desejos. É preciso desmanchar as fantasias e jogar fora os rótulos, procurando lidar com as situações reais da melhor forma possível”, afirma o texto do Multieducação.

Mas respeitar a identidade não significa apenas livrar-se de preconceitos raciais ou religiosos. A sala de aula que acolhe a diver-

sidade é aquela que luta contra todo tipo de discriminação. Isso inclui um esforço contra a cristalização de impressões sobre os alunos, que muitas vezes negligencia os rotulados como “atrasados” ou “desinteressados”, que ficam segregados no fundo da sala. Esses alunos são, em geral, aqueles que precisam de melhor avaliação do professor, no sentido de encontrar uma estratégia que os estimule à aprendizagem.

É necessário entender que cada criança, jovem ou adulto percorrerá seus próprios caminhos para compreender o que lhe é transmitido. O professor deve, então, partir do princípio de que todos são capazes de aprender e detectar as estratégias para cada caso, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem. Em vez de basear seu trabalho num único caminho, ele deve oferecer oportunidades e atividades que levem em conta o perfil de cada um ou cada grupo. Dessa forma, o educador evita que ele mesmo construa a barreira que impedirá o acesso ao conhecimento, já que atividades que os alunos não são capazes de acompanhar promovem o desinteresse, a dispersão e, sobretudo, não resultam em aprendizagem.

Ferramentas do professor – A avaliação diagnóstica é um instrumento valioso para o professor neste trabalho diversificado. Com ►

ela, o educador pode analisar o que o aluno já sabe, o que ele faz sozinho e o que faz com ajuda de um colega de classe ou do professor. A partir dessa avaliação, será possível definir as estratégias para lidar com cada grupo.

Outra ferramenta importante para o professor é o planejamento. Para Simone Monteiro, não se pode encará-lo como produto acabado. “O planejamento precisa estar sempre aberto para incorporar novos elementos, ao diálogo e para ser alvo de questionamento e reflexão. Precisa estar aberto à influência de outros professores, dos alunos e das demandas sociais. O registro e a avaliação também precisam ser recuperados na prática do professor. Além disso, é muito importante que ele dê publicidade às suas práticas para ampliar os canais de divulgação e troca. Isso é fundamental para fomentar novas idéias. O processo educativo também é comunicativo”, comenta.

Apesar de necessário, transformar a relação com o aluno e deste com o conhecimento frente às demandas da contemporaneidade não é tarefa fácil. Um dos grandes abismos entre teoria e prática se situa hoje na própria formação do professor, que ainda carece de um olhar crítico sobre as potencialidades da mídia e as novas nuances da aprendizagem.

Para Simone Monteiro, é preciso ampliar o diálogo entre universidade e escola, o que beneficiaria ambos. “A universidade tem muito a contribuir para a prática do professor e esta prática pode apontar muitos caminhos para a universidade. O ensino superior precisa formar um educador alinhado ao seu tempo. Muitas vezes, disciplinas relativas às mídias são eletivas”, ressalta.

Ana Smolka reforça a falta de sintonia latente entre a formação do professor e as exigências encontradas no cotidiano escolar. “As pessoas que são hoje professores não conviveram com os recursos que vão se tornando cada vez mais comuns e inscritos nas práticas. Esses recursos vão demandando outras formas de ação, de relação. As crianças vão desenvolvendo, pela convivência, modos ‘quase-naturais’ de lidar com os novos recursos, o que exige dos adultos, pais e professores, um exercício consciente, um desejo, uma disposição, uma disponibilidade que muitas vezes conflitua com o tempo disponível e as demandas rotineiras. Mas a mudança das práticas não se faz num piscar de olhos. Não há varinha mágica. Há um laborioso processo de transformação. Nenhum curso de formação hoje pode estar à margem dessa problemática”, arremata. ■

Professores antenados

O professor da rede conhece muito bem o impacto que as novas mídias e tecnologias têm em nossos tempos e na relação entre ensino e aprendizagem. Isso é o que revela enquête realizada pela Divisão de Mídia e Educação da SME, apresentada durante o 4º Encontro Internacional Rio Mídia, em outubro.

Duzentos e um professores responderam à pergunta “O que é ser professor no século XXI?” durante a última Jornada de Informática realizada pela secretaria. Dos entrevistados, 74% afirmaram que é um desafio que exige ressignificar a prática. Cinquenta por cento disseram que ser professor hoje está relacionado com as novas mídias, tecnologias e linguagens. Já 10%

acreditam que se trata de estar conectado ao aluno, e 9% afirmaram que ser professor hoje é compreender o tempo em que vivemos e se relacionar com ele.

Para a diretora da divisão, Simone Monteiro, o discurso dos professores mostra a influência das mídias no tempo em que vivemos. Mesmo os que não as mencionaram diretamente, acabaram por fazer menções indiretas. Muitos afirmaram compreender o nosso tempo; outros registraram que se faz necessário conectar-se ao aluno. “Podemos perceber na rede um movimento de incorporação dessas mídias nas práticas pedagógicas. As respostas revelaram interesse, curiosidade e demanda para enfrentar os desafios que estão postos”, comenta.

Para entender o big-bang

Maior acelerador de partículas já construído quer responder questões sobre a origem do universo



A origem do universo continua sendo um dos maiores mistérios da ciência. O primeiro passo para tentar entender essa incógnita foi dado no dia 10 de setembro, quando pesquisadores acionaram o LHC (Large Hadron Collider – grande colisor de hádrons, na sigla em inglês), o maior acelerador de partículas já construído, localizado a 100 metros da superfície, na fronteira da França e Suíça. O objetivo do LHC é reproduzir as condições existentes no big-bang, explosão que deu origem ao universo. O projeto conta com a participação de 180 instituições de pesquisa de 50 países, entre eles o Brasil, e é coordenado pela Organização Europeia de Pesquisa Nuclear (Cern, na sigla em francês).

No dia 23 de setembro, o acelerador teve de ser desligado por causa de um vazamento de gás hélio em um dos setores de seu túnel. Além dos reparos necessários para o LHC voltar a operar, haverá ainda um período de manutenção obrigatório durante o inverno europeu. Por isso, só voltará a ser ligado no segundo trimestre de 2009.

Ao ser novamente acionado, dois feixes de prótons serão lançados em direção contrária um do outro, dentro de um túnel circular de 27 quilômetros do acelerador. Os cientistas mudarão a rota dos prótons – com a ajuda de ímãs potentes – para provocar um choque das partículas e recriar o big-bang. Nos instantes seguintes, os prótons se dividirão em partículas ainda menores. Quatro grandes detectores – Alice, Atlas, CMS e LHCb – registrarão as colisões e recolherão informações para que os físicos possam pesquisar novos territórios relacionados a massa, energia, espaço e tempo.

Um dos principais objetivos dos experimentos conduzidos no LHC é encontrar o bóson de Higgs, a partícula que seria a base de todas as outras partículas elementares e que, por enquanto, existe apenas na teoria. Essa partícula teria surgido nos primeiros momentos que sucederam a explosão que criou o universo. Ao recriar as condições surgidas imediatamente após o big-bang, os cientistas esperam poder detectá-la. “Com a descoberta dos *quarks*, foi mostrado que prótons, nêutrons e centenas de outros hádrons (partículas formadas por *quarks*) eram compostos por outras partículas mais elementares. O LHC quer encontrar o Higgs, a partícula que daria massa para todas as outras partículas elementares. Portanto, seria a origem das massas. Descobrir isso seria um grande avanço no conhecimento científico”, comenta o físico Alberto Santoro, coordenador do grupo de pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que participa do projeto.

Perguntas sem resposta – Os cientistas também querem descobrir a existência de outras dimensões de espaço e tempo e a explicação para a existência da matéria negra, que compõe 23% de todo o universo, mas sobre a qual pouco se sabe. Espera-se que o LHC possa responder perguntas ainda sem resposta, como o porquê de o universo ser composto de matéria apenas, se tanto ela quanto a antimatéria foram criadas no big-bang, ou a razão de a força gravitacional ser muito mais fraca do que as demais interações.

Os resultados dos experimentos ainda devem demorar algum tempo para aparecer. ►

TEXTO

FABIO ARANHA

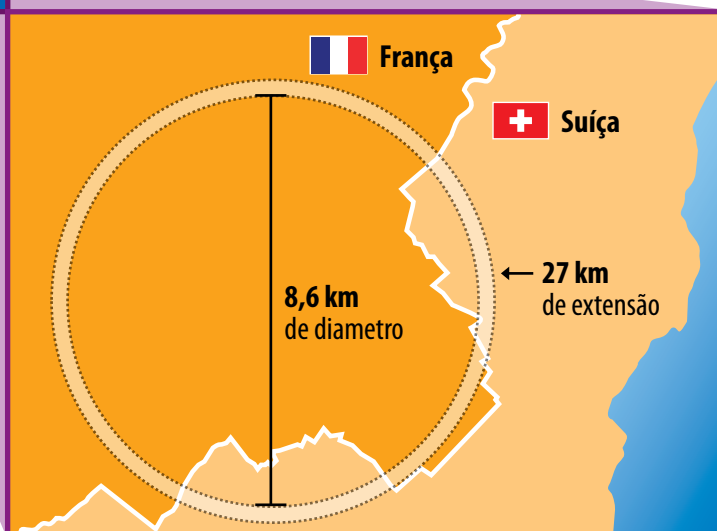
ILUSTRAÇÃO E INFOGRAFIA

GUSTAVO CADAR



LHC

- Participam do projeto 180 instituições de 50 países
- Investimento foi de cerca de R\$ 8 bilhões
- Está localizado a 100 metros da superfície na fronteira entre França e Suíça
- Túnel do acelerador tem 27km de extensão
- Dois feixes de prótons serão lançados em direção



“Experimentos como estes precisam tomar dados por muitos meses. Serão necessários outros tantos meses para analisá-los. Vão surgir trabalhos rapidamente, mas acredito que resultados significativos levarão vários meses, talvez dois ou três anos, para estarem disponíveis”, explica o físico da Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Suaide, que participa das pesquisas com o experimento Alice do LHC.

O Brasil tem pesquisadores trabalhando nos quatro experimentos feitos no LHC, que levam o nome dos detectores. A participação envolve a análise dos dados que serão produzidos, o fornecimento de infra-estrutura computacional, a produção de peças, construção de partes dos experimentos, trabalhos em áreas como

eletrônica e desenvolvimento de softwares, para citar apenas alguns exemplos. Além disso, o Cern desenvolveu uma tecnologia de rede, que conectará dezenas de milhares de computadores no mundo inteiro para permitir uma estrutura global robusta para tratar e analisar os dados obtidos nos experimentos do LHC, da qual o Brasil participa através de universidades como a USP e a Uerj.

Conhecimento de ponta – Para Alberto Santoro, da Uerj, a participação brasileira no projeto é importante porque forma pessoal e traz para o Brasil conhecimento de ponta. “Nossa participação pode ser vista também como uma forma de criar oportunidades para nossos estudantes e contribuir para a divulga-

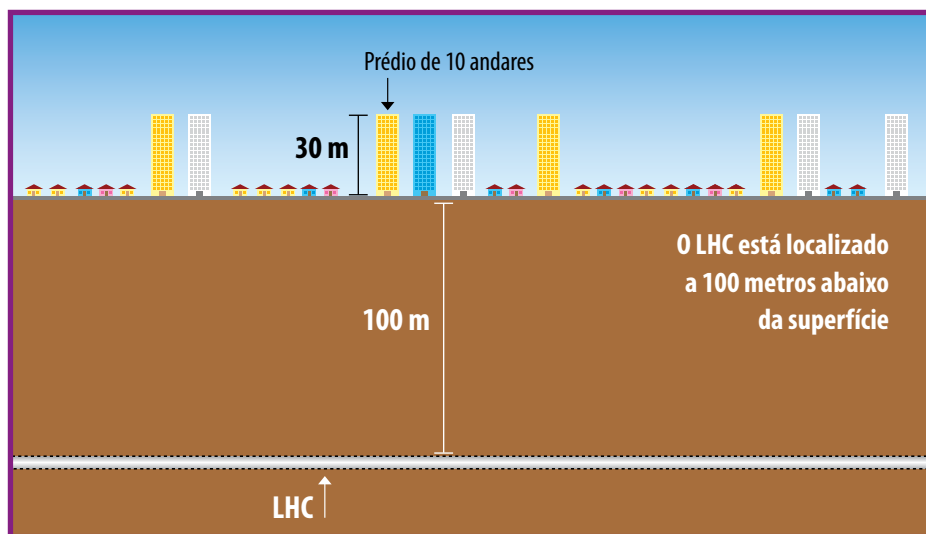
contrária dentro do túnel, que é circular. Com a ajuda de ímãs potentes, os cientistas mudarão a rota dos prótons para provocar um choque das partículas e recriar o Big Bang.

- Cada feixe congrega cerca de 3 mil grupos de partículas, podendo chegar a 100 bilhões de partículas.
- LHC vai gerar cerca de 600 milhões de colisões de partículas por segundo.

• Em 10 horas, um feixe de partículas viaja 10 bilhões de quilômetros, o suficiente para ir ao planeta Netuno e retornar.

• Um dos principais objetivos dos experimentos é encontrar o bóson de Higgs, a partícula que seria a base de todas as outras partículas elementares

• Quatro grandes detectores – Alice, Atlas, CMS e LHCb – registrarão as colisões e recolherão informações para serem analisadas pelos físicos do projeto.



ção de uma das áreas de fronteira da ciência”, complementa. O pesquisador participa do experimento CMS.

A construção do acelerador começou em 1996. O equipamento custou aproximadamente R\$ 8 bilhões e envolveu 10 mil cientistas e engenheiros de 580 universidades, incluindo o Brasil, que prestou apoio através do CNPq. Quando o projeto foi iniciado, ainda não estavam disponíveis algumas das tecnologias que estão sendo empregadas hoje em áreas como detecção, processamento de sinais e análise de dados. Santoro defende o investimento feito e afirma que o maior benefício do projeto é o avanço na ciência do conhecimento do que há de mais profundo na matéria, suas interações e componentes fundamentais. “É preciso valorizar

o conhecimento como base da compreensão do mundo em que vivemos”, ressalta.

A opinião é compartilhada por Alexandre Suaid, da USP. Ele diz que os recursos foram todos investidos na geração de conhecimento nos mais variados setores. “Além de poder responder questões que nos intrigam há muito tempo, este conhecimento pode mudar drasticamente a nossa forma de viver no futuro. Quando se descobriu a radioatividade, há mais de 100 anos, poucos imaginavam a revolução que estava por vir. Hoje, temos inúmeros tratamentos médicos que dependem desse conhecimento adquirido. O mesmo se aplica a outras áreas da ciência. Se não adquirirmos conhecimento, como podemos almejar desenvolvimento a longo prazo?”, indaga o pesquisador da USP. ■



fater!

gator!

lender!

eu te amei!

professor duiz António

Professor duiz & Angelica

Sofia Pires

Sutileza e boa convivência

A difícil arte de ganhar a simpatia dos alunos sem estimular afetos que não serão correspondidos

Quem hoje é adulto e tem a missão de ensinar determinada matéria em sala de aula sabe: quando ainda estava nas carteiras escolares, já presenciou – ou até protagonizou – uma fase de amor platônico por algum professor. Uma admiração além da usual, uma espécie de encanto por aquele que estava ali no quadro-negro, falando, orientando, mostrando um mundo novo. Agora, é hora de se lembrar como foi na sua época e encarar de forma tranqüila quando algum menino ou menina demonstrar esse mesmo comportamento.

Não é por acaso que essas situações se repetem. O psicanalista Carlos Lisboa, que tem experiência em sala de aula com alunos do ensino médio, explica que o fenômeno da idealização (que pode descambar para a paixão) está ligado ao que em psicanálise se chama transferência. Tanto que faz parte da relação entre pais e filhos até a puberdade e se estende em outras relações, como ele mesmo enumera: “Também pode estar presente no início dos relacionamentos amorosos, na relação com um profissional mais experiente, com alguém que se destaca numa área do seu interesse, na relação chefe-empregado, terapeuta-paciente, professor-aluno, e por aí vai”. Ou seja: não há nada de anormal em um professor despertar esse tipo de interesse em determinados alunos. Até porque, assim como a idealização tem “prazo de validade” na relação pais/filhos, assim será nos outros casos.

Alguns alunos vão estabelecer com seus professores relações que para eles têm um colorido mais de pai e mãe – tanto pelo viés positivo como pelo negativo. Pode haver identificação por semelhanças com os pais ou, ao contrário, pelo fato de o educador apresentar características que eles gostariam de ver no pai ou na mãe. Aliás, a relação com os pais será a matriz desse processo que se desdobrará ao longo da vida. Somando-se a isso, há uma

situação típica: quando uma pessoa se destaca em relação a saberes a ela atribuídos. “É só nos imaginarmos assistindo a uma palestra de um profissional de destaque na nossa área. Se ele tiver características que admiramos, temos grandes chances de sair encantados desse encontro, mesmo sendo adultos”, exemplifica Lisboa. Mesmo não sendo da área da psicologia ou psicanálise, o professor, por sua experiência, consegue perceber quando a idealização – que é comum – descamba para a paixão.

A rigor, a idealização, se bem conduzida, “é uma ferramenta importantíssima de sucesso para o objetivo proposto: a constituição do conhecimento e dos valores que estão ao alcance do professor”, explica o psicanalista. Mas é bom estar atento para também não se deixar levar pela situação. “O professor percebe que a admiração que ele desperta naquele ambiente é completamente diferente da que ele já experimentou na vida. E aí vem o outro lado da moeda: a sala de aula vira um lugar extremamente sedutor para esse professor.” Por isso, é importante manter o pé no chão. Até mesmo para ficar atento, caso a idealização ganhe contornos de um interesse exagerado.

Para o caso desta paixão, deste sentimento exagerado a que acabamos de nos referir, o conselho é que o professor (ou professora) deve se afastar cuidadosamente, sem romper, criticar e evitar verbalizar, para que o adolescente refaça a relação de outra maneira e não se sinta humilhado. Tudo isso é muito complexo e delicado, porque não há uma “receita de bolo”: o que vale é o bom senso e a sensibilidade do educador.

Casos extremos – Geralmente, as professoras (ou professores) conseguem resolver essas situações discretamente. Mas, em casos extremos, eles podem recorrer à direção ou à orientadora pedagógica. Quando a paixão ►

TEXTO

BETE NOGUEIRA

ILUSTRAÇÕES

GUSTAVO CADAR



beira a obsessão, é hora de agir, até mesmo chamando os pais ou responsáveis. O ideal é que os professores estejam preparados para quando isso acontecer, procurando orientação com outros educadores que tiveram essa experiência.

Entre os alunos mais novos, a admiração exagerada está diretamente ligada à relação com os pais. Já, na adolescência, ao despertar para o sexo oposto. Mas não há um estereótipo

– é bom nunca prejudicar. Por exemplo, segundo o psicanalista, filhos de pais ausentes podem estar mais vulneráveis a esses amores platônicos, mas isso não pode ser visto como regra.

Nem estereotipar os colegas: “O professor mais jovem pode favorecer o surgimento



do fenômeno, assim como o mais carismático, o mais bonito. Mas de forma alguma isso vai determinar”, explica Lisboa. Talvez o professor mais jovem precise da orientação de outros professores, por trazer duas situações. Primeiro, por ser atraente ao mesmo tempo em que traz o perfil do “homem mais velho”. Por outro lado, muitas vezes ele está menos preparado para esse tipo de questão.

E quem se apaixona mais? Meninos ou meninas? Há muitas atrações pelo mesmo sexo? Para o psicanalista, isso pode ocorrer na mesma proporção entre meninos e meninas. “No caso da busca pelo mesmo sexo, acredito que a frequência seja bem menor. Primeiro porque a homossexualidade ocorre com menos frequência do que a heterossexualidade. E segundo porque um menino ou uma menina com tendência homossexual ainda estará, nessa fase, envolvido numa série de conflitos que essa escolha acarreta.” ■

Sentindo na pele...

...da aluna apaixonada

Essas meninas exageradamente românticas também um dia crescem. E acham engraçado lembrar que já tiveram uma “paixonite” pelo professor. Isso aconteceu com a advogada Maria Eduarda*, hoje com 31 anos. Ela conta que na oitava série, aos 14 anos, teve um amor platônico pelo professor Paulo, de ciências. “Acho que era um contraste muito grande entre os garotos da turma, ainda muito bobos, e um homem feito, bonito, alto, de barba, que falava sobre qualquer assunto de forma engraçada”, relembra. Imagine ficar encantada com um professor assim que dava aulas sobre... o corpo humano! “Eu não conseguia me concentrar nas aulas. Quando tinha que estudar para a prova, pegava o caderno e ‘viajava’, pensando no professor”, conta Maria Eduarda. Apesar disso, ela diz que era ainda muito infantil, romântica, colecionava fotos de ídolos do esporte e do cinema. Por isso, sua mãe não se preocupou muito. “Além do que, eu estudava em um colégio católico, de disciplina muito rígida. Não tínhamos

tanto acesso ao professor como acontece hoje”. O importante é que o objeto de desejo de Maria Eduarda e de outras meninas da turma soube lidar muito bem com a situação, segundo ela. Paulo mantinha um bom relacionamento com a turma, sempre bem-humorado e dando aula de forma animada. Porém, não se impressionava com os sinais que as garotas tentavam passar. “Algumas delas se insinuavam mesmo, eram até vulgares, mas ele fingia que não era com ele. No fundo, acho que ele nos via como um bando de crianças, entendia que esse tipo de encanto existia, por sermos adolescentes, e que era uma questão de tempo tudo isso passar”. Por outro lado, os garotos se sentiam incomodados com o sucesso do professor, chamavam-no de “sapo barbudo”, para implicar com as meninas. Nada sério. Ruim mesmo foi que Maria Eduarda se desconcentrou tanto nas aulas que, quando percebeu, estava em recuperação. “Ainda bem que perto do final do ano já não estava mais sentindo aquela paixão, e consegui me concentrar a tempo



para não repetir de ano, conclui, divertindo-se com a história.

... e do professor gato

Quando o professor Roger* arranhou seu primeiro trabalho em colégio, recém-formado em geografia, esperava muitos desafios, mas não contava que o fato de ele ter apenas 21 anos fosse causar embaraço. Ele foi dar aula para uma turma de sétima série, e todas as vezes em que entrava em sala, as alunas (que tinham entre 12 e 13 anos), davam gritinhos e risinhos. Tentando manter a disciplina, ele sempre pedia que a turma o respeitasse e imediatamente começava a encher o quadro de matéria. O pior era que uma das meninas, sempre durante sua aula, fazia perguntas pessoais, como sua idade, gostos etc. “Minha preocupação era que eles me vissem como a autoridade em sala, apesar da pouca diferença de idade, mas não queria que eles me vissem como alguém distante, não queria

criar uma barreira que dificultasse meu entendimento com eles”, conta. Durante uma aula sobre explosão demográfica, alguém perguntou se Roger tinha namorada. Ante a negativa do jovem professor, aquela aluna que era a mais interessada ficou em pé e o pediu em namoro. “Foi outra explosão, imagine uma turma dessa idade ver o professor numa situação assim!”. Como contornar isso sem perder a elegância? “Chamei a aluna para conversar fora de sala, expliquei que ela estava confundindo as coisas, e que o que para ela era normal, para mim era uma diferença de idade enorme, além da questão ética, ou seja, que não existia a mínima possibilidade de um envolvimento. E que não seria legal ela se colocar nessa situação na frente da turma. Se eu tivesse feito a negativa na frente de todos, ela se sentiria humilhada.” Foi aí que a garota caiu em si da exposição que poderia sofrer, e de que é importante respeitar o limite entre professor e aluno“. Envergonhada, ela pediu desculpas a Roger e transformou sua excessiva admiração pelo professor em admiração apenas.

*Nomes fictícios.



AULA-PASSEIO

Roteiro cheio de bossa

Fotomontagem
feita pelos alunos
para o vídeo de
animação

O ano de 2008 foi pleno de efemérides. Comemoramos os 200 anos da chegada da Família Real portuguesa ao país, os 120 anos da abolição da escravidão, o centenário de Machado de Assis, o centenário de Guimarães Rosa, os 100 anos de nascimento do mestre Cartola e os 50 anos da bossa nova. De tantas comemorações, foi esta última a inspiração para um projeto de mídia-educação realizado por professores e alunos do Ciep Presidente Agostinho Neto, no Humaitá (2ª CRE).

“Pelos caminhos da bossa nova” foi o tema em torno do qual foram pensadas, desde o início deste ano, várias atividades na escola. Mas foram as turmas 1301 e 1401, de final do primeiro ciclo e início de segundo, que mergulharam no “espírito” voz-e-violão que marcou musicalmente o final da década de 50 no século passado.

Uma primeira proposta de desdobramento do projeto seria transformar uma canção marcante da época em filme de animação. Até porque, a escola Agostinho Netto já tem

tradição de desenhos animados feitos por alunos e professores. Mas, o que era para ser apenas um vídeo se transformou numa proposta maior. As músicas-símbolo da bossa nova foram incorporadas, a animação também foi feita e os alunos tiveram a oportunidade de conhecer lugares da cidade representados nas letras de *O barquinho*, *O pato*, *Garota de Ipanema*, *Samba do avião* e *Se todos fossem iguais a você*, e em cada local fazer uma apresentação cantando cada uma das canções.

Assim, com as duas turmas reunidas, as professoras Amália Araújo, Maria das Graças Gomes e Wilma de Araújo Jorge seguiram o roteiro combinado com as crianças. Da escola, partiram em ônibus para a primeira parada, o Aeroporto Santos Dummont, que aproveitaram para conhecer e cantar *O Samba do avião*. De lá partiram rumo ao Posto 6, em Copacabana, e no calçadão chamaram a atenção de quem passava pela animação com que cantavam *O barquinho*. A próxima parada do dia foi o bar Garota de Ipanema, onde, claro, os jovens “cantores” emo-

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Para ouvir e cantar

- **O barquinho** – Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli
- **Samba do avião** – Antônio Carlos Jobim
- **Se todos fossem iguais a você** – Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes
- **O pato** – João Gilberto
- **Garota de Ipanema** – Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes

cionaram aqueles ouvintes mais saudosos da antiga Rua Montenegro. Finalizado o pequeno show, as crianças andaram alguns quarteirões e aportaram na loja Toca do Vinícius, onde conheceram tudo sobre o poeta e compositor Vinícius de Moraes. Lá, eles cantaram, para o dono do estabelecimento, *Se todos fossem iguais a você*. O passeio acabou na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde a música da vez foi *O pato*. Todas as canções foram ensaiadas nas aulas de música da escola.

De volta à escola, não faltaram desdobramentos. As letras foram incansavelmente trabalhadas na disciplina língua portuguesa, tanto do ponto de vista gramatical, quanto em aspectos mais subjetivos, como interpretação, enfatizando as metáforas da linguagem poética usada nas canções. As outras disciplinas, também puderam ser trabalhadas a partir de vários conceitos abordados nas próprias músicas e também ao longo do passeio, como localização geográfica dos bairros da cidade; avaliação das distâncias dos lugares visitados; métrica, por conta das estrofes das músicas; história da cidade; natureza e meio ambiente, entre outros conceitos.

Além de conteúdo para as diferentes disciplinas, o projeto rendeu trabalhos artísticos. Desenhos, peças para maquetes dos lugares visitados e para o vídeo de animação sobre o passeio (feito a partir de fotos tiradas pelos próprios alunos) e bonecos de origami, representando Tom Jobim e Vinícius de Moraes. As crianças confeccionaram ainda cartões de agradecimento para os representantes dos estabelecimentos que visitaram ao longo do passeio. “No total fizemos 194



fotos. Algumas foram aproveitadas no vídeo, que será apresentado aos pais dos alunos”, informa Amália Mattos de Araújo, professora da sala de leitura, que junto com outros docentes da escola desenvolveu o projeto.

Jonathan Pereira da Silva Viana, de nove anos, já tinha ouvido falar de bossa nova por conta do interesse da avó, uma fã do ritmo suave de voz e violão. Mas diz que “não podia imaginar que ia ouvir músicas tão bonitas”. De posse de um CD com uma coletânea das canções, que levou para a escola, ele tem a sua preferida: *Se todos fossem iguais a você*, revela. Faz sentido! ■



Amália Araújo produzindo o vídeo com as turmas

Apresentação de talentos



Marco de Aquino orienta os alunos para a Mostra de Artes (acima e na página ao lado)

Experiências com a sensibilidade humana, com as quais a arte pode se desenvolver com mais liberdade e motivação. É esse o trabalho desenvolvido pelo projeto Laboratório de Talentos, na 10ª CRE, com a participação de 19 escolas da região. As atividades das oficinas artísticas realizadas durante o ano letivo têm como ponto alto a apresentação na Mostra de Artes, no teatro da Cidade da Criança, em Campo Grande, Zona Oeste da cidade. Este ano, a terceira edição do evento está marcada para os dias 27 e 28 de novembro.

O Laboratório de Talentos foi idealizado há três anos pelos professores de artes da rede Marco de Aquino, da E. M. Eduardo Rabelo, Claudia Torres Vieira, da E. M. Professor Vieira Fazenda e Andrea Cavalcanti, da E. M. Ipeg. De acordo com Aquino, a proposta é trabalhar mais

a prática artística com os alunos, complementando o que é proposto na sala de aula. Com a aprovação da 10ª CRE, o trabalho passou a ser desenvolvido fora do horário de aula.

Na Eduardo Rabelo acontecem oficinas de música, dança, artes visuais (desenho e pintura) e vídeo. “A idéia não é transformar alunos em artistas, mas a arte pode entrar na vida deles para compreenderem melhor as questões do mundo ou também garantir autoconhecimento e maior socialização”, ressalta Aquino. Segundo Andréa, os estudantes têm uma necessidade muito grande de se expressar, porque muitas vezes não se sentem ouvidos ou valorizados. “Eles gostam de estar no palco, de saber que um desenho seu está na exposição e por aí vai. Querem se sentir reconhecidos”, completa a professora da Escola Ipeg.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

De acordo com Cláudia, com o resultado do trabalho de artes cênicas já é possível verificar mudanças no comportamento dos alunos. Os mais tímidos, quando freqüentam a oficina de teatro, passam a ter mais desenvoltura e a se expressar de forma mais clara. O projeto também ganhou visibilidade na Ipeg, onde há uma oficina da mesma atividade. Segundo Andréa, mesmo depois de sair da escola, há alunos que querem continuar participando das aulas. Ela credita isso ao fato de deixá-los livres para desempenhar os papéis que mais se adequem ao perfil de cada um deles. Eles mesmos se organizam para definir como será a participação na peça escolhida.

A arte tem entrado na vida de alguns para realmente ficar. Segundo o professor da Eduardo Rabelo, já há casos de alunos que se apaixonaram pelas atividades e querem se aperfeiçoar. Um exemplo é o de um estudante de 16 anos que ao terminar a escola permaneceu envolvido com a dança e hoje atua junto com profissionais de uma academia na Zona Norte. “Sempre há talentos, mas o que precisamos é dar oportunidade de eles se expressarem”, reforça a professora de artes cênicas da Escola Vieira Fazenda.

Platéia – Na avaliação de Cláudia, outra intenção do projeto é formar platéia nos bairros em que estão situadas as unidades da 10ª CRE. A Vieira Fazenda, por exemplo, fica na Restinga de Marambaia, em Barra de Guaratiba, um local onde há poucas opções culturais para os moradores. É pensando nisso também que Andréa escolhe os temas a serem apresentados nas peças. O objetivo é garantir entretenimento e informação na comunidade. Por isso, todos os anos ela faz uma apresentação em Santa Cruz sobre prevenção da dengue.

As escolas já estão trabalhando a todo vapor para a apresentação de fim de ano. Entre as peças que serão apresentadas estão uma adaptação de *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, pela Escola Eduardo Rabelo; uma adaptação de *Terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos; e um texto folclórico sobre a história do bumba-meu-boi, chamada *Boi bordado de lua*, ambas na Escola Professor Vieira Fazenda. Já a Escola Ipeg irá apresentar a peça *A floresta*, escrita pela professora Andréa Cavalcanti, que trata de meio ambiente. Depois

de trabalhar o assunto na escola, a professora resolveu levá-lo para o teatro.

O professor Marco também pretende exibir o curta-metragem *A bomba da Rabelo*, com produção e texto dos alunos do 9º ano (terceiro ciclo). O filme conta com a participação de 20 alunos no elenco principal e mais cerca de 30 no elenco de apoio. “O que a gente percebe é que quando tem condição de trabalhar o retorno e a satisfação dos alunos e dos professores são bem maiores”, comemora Aquino.

Em dois anos de projeto, os estudantes produziram 25 peças de teatro, participaram de 10 grupos de música e de seis espetáculos de dança. Foram exibidos também quatro curtas-metragens e expostos cerca de 30 trabalhos de artes visuais. Para chegar a esse resultado expressivo, o Laboratório de Talentos contou com a participação de 900 alunos, 47 professores e 39 escolas. ■



Três olhares de uma história

Filme discute o choque cultural vivido por brasileiros e portugueses com a chegada da Família Real



Dois meninos de mundos diferentes se tornam amigos inseparáveis. A trama, aparentemente simples, é o fio condutor de uma história ambientada no Brasil do século XIX, durante a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. O filme *O inventor de sonhos*, que deve chegar aos cinemas em abril de 2009, faz parte das comemorações dos 200 anos da chegada da Família Real ao Rio e tem a direção de Ricardo Nauemberg. Com a proposta de resgatar a memória da época, a narrativa também deve emocionar o público, por conta da relação entre os dois meninos: um mulato brasileiro e um pequeno nobre europeu que chega com a corte.

De acordo com Nauemberg, o projeto do filme foi encabeçado pela Secretaria Municipal das Culturas e teve como consultores D. João de Orleans e Bragança, descendente da Família Real, e as historiadoras Lillian Schwartz e Isabel Lustosa, da Fundação Casa de Rui Barbosa. O roteiro é do próprio Nauemberg e da escritora

Adriana Falcão. Para compor a ambientação da época, o diretor se baseou em pinturas do austríaco Thomas Ender, Rugendas, Debret e Nicolas-Antoine Taunay. Como base bibliográfica utilizou obras como *D. João no Brasil*, de Oliveira Lima e *Império à deriva*, do escritor australiano Patrick Wilcken. Por ser parte das comemorações oficiais dos 200 anos da chegada da corte de D. João ao Brasil, o filme terá pré-lançamento, com um trailer de três minutos.

A produção também vai gerar um documento do período, que fará parte do acervo cultural da cidade. “Fica como um registro de memória, da época, dos costumes. É preciso que conheçamos nossa história para entender o que fomos e o que somos. Foi a primeira vez que fiz um filme de época, e com isso você acaba sendo obrigado a ler bastante, a aprender muito. Foi bem interessante”, afirma Nauemberg. Este é o primeiro longa-metragem do cineasta, que já dirigiu novelas e documentários para a TV. A história vai misturar ficção e fatos sobre as trajetórias de D. João e D. Pedro.

Mas a idéia de Nauemberg não é mostrar o dia-a-dia da Família Real, até porque ela entra como mera coadjuvante na trama. Os personagens fictícios é que terão maior destaque. De acordo com o diretor, a questão central da história é o choque cultural. “Imagina em um único dia quase 10 mil pessoas chegarem ao Rio de Janeiro em 536 naus, sem nenhum aviso! A mistura de universos tão diferentes varreu hábitos do Brasil e da Europa, introduzindo o ‘mundo civilizado’ em toda a diversidade e exotismo dos trópicos. A princípio, a cidade perdeu sua identidade, passando a adotar outros valores”, ressalta.

Aliás, Nauemberg lembra que as mudanças foram tão intensas na nova sede do governo (o Rio de Janeiro) que depois do retorno de D. João a Portugal, a população não mais aceitou a dominação da metrópole, passando a lutar pela independência. Basta lembrar que D. João deixou o país em abril de 1821 e a independência foi

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

DIVULGAÇÃO/ DANIEL

FLAKSMAN

declarada cerca de um ano e meio depois, em 7 de setembro de 1822. A trama, segundo o diretor, envolve todo o contexto geopolítico da época: a cultura francesa, o comércio com a Inglaterra e a relação de Portugal com as colônias.

Encontro – A narrativa é centrada na história de dois meninos de 11 anos: Zé Trazimundo, o mulato brasileiro, e Luiz Bernardo, filho de um importante duque, que chega com a corte. Nos 13 anos em que a Família Real se estabelece no Rio, os dois ficam amigos, se tornam rivais, inimigos e, quando homens feitos, retomam o sentimento da amizade. Toda a história é contada pelo olhar de alguns personagens fixos. Filmada em Paraty, nos meses de maio e junho, grande parte da ação se passa em um único bairro, com seu coreto e sua taberna. “Cada acontecimento do dia-a-dia pega carona nos grandes fatos da história, quase como um Forrest Gump do século XIX”, explica Nauemberg.

A história procura apresentar três olhares distintos: o ponto de vista do nativo, que vê chegar a cultura europeia numa época em que o Brasil era praticamente um continente isolado; a visão do nobre europeu, que chega ao país e encontra uma imensa população negra até então desconhecida, e o olhar do diretor.

Zé Trazimundo é interpretado por Miguel de Oliveira, ator-mirim que ficou conhecido como o Tônico, na novela *Desejo proibido*, da TV Globo. Já o amigo nobre, Luiz Bernardo, é feito por Igor Rudolph, ator que deu vida a Maurício, filho de Arthur (Murilo Benício) e Vanessa (Flávia Alessandra), na novela *Pé na jaca*, da mesma emissora. Na fase adulta, os personagens são substituídos pelos atores Ícaro Silva e Miguel Thiré, respectivamente.

No elenco, alguns atores consagrados como Stenio Garcia, no papel de Aristides, um mercador, que traz à tona, no filme, as relações de comércio entre Brasil, Portugal e Inglaterra. Além dele, Emilio Orciolo, encarna Libório, um militar que enlouquece ao longo da trama, e Luis Carlos Vasconcelos, um feitor de escravos. Dentre os personagens históricos estão D. Pedro I (Fernando Alves Pinto), Noemy Thierry, bailarina francesa que foi amante do imperador (Leticia Spiller), e Francisco Gomes da Silva, o *Chalaça* (Marcelo Serrado), que se tornou amigo do monarca. ■



‘O inventor de sonhos’

- **Direção** – Ricardo Nauemberg
- **Direção de produção** – Fernando Zagallo (de *Casa de areia* e *Tropa de elite*)
- **Produção executiva** – Diogo Dahl (de *Lisbela e o prisioneiro*)
- **Direção de arte** – Daniel Flaksman
- **Roteiro** – Adriana Falcão e Ricardo Nauemberg
- **Fotografia** – Rodrigo Monte
- **Figurinos** – Luciana Buarque (de *Hoje é dia de Maria*)
- **Elenco** – Miguel de Oliveira (Zé Trazimundo, criança), Igor Rudolph (Luiz Bernardo, criança), Ícaro Silva (Zé Trazimundo), Miguel Thiré (Luiz Bernardo), Ricardo Blat (Artur Vilaça), Stenio Garcia (Aristides), Emilio Orciolo Neto (Libório), Fernando Alves Pinto (D. Pedro), Leticia Spiller (Noemy Thierry), Marcelo Serrado (Chalaça), Roberto Bonfim (Eustáquio), Iainha (Sheron Menezes), Lui Mendes (Gumô) e Luis Carlos Vasconcelos (Timóteo).

O preferido pelos cineastas

Livros e contos do escritor do século XIX permanecem atuais nas muitas adaptações para o cinema



Cena de *Memórias póstumas*, de André Klotzel

As histórias criadas pela mente criativa de Machado de Assis saíram das páginas dos livros e foram parar nas telas de cinema, adaptadas de forma literal ou com roupagem moderna. Temas como amor, ambição, adultério permanecem atuais e fazem parte das rodas de bate-papo de qualquer grupo de amigos. Por isso, apaixonar-se pela obra do escritor não é difícil; basta estar aberto para a fina ironia e o drama presentes em suas histórias. Com o centenário da morte de Machado de Assis, vale a pena conhecer muitas das tramas maravilhosas que vêm sendo apresentadas pela sétima-arte.

A mais recente, *A erva do rato*, de Júlio Bressane, esteve no Festival do Rio. Inspirado nos contos “A causa secreta” e “Um esqueleto”, de Machado, o filme trata da relação de um homem com a morte e com os animais. No elenco, Seltton Mello e Alessandra Negrini. Aliás, o mesmo diretor já é visitante habitual da obra machadiana. Seu outro filme, *Brás Cubas*, é uma releitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Para contar a história do defunto-autor ou defunto-narrador, Bressane ousou nas imagens, abrindo o filme com um esqueleto deitado com a cabeça à esquerda. Em seguida, um técnico de som segura o fio do microfone e o leva em direção à caveira, penetrando-o no orifício do olho.

A mesma história foi adaptada para o filme *Memórias póstumas*, dirigido por André Klotzel. Entretanto, a forma de contá-la segue outro caminho. No filme, o diretor abre com o cadáver sobre o qual se fecha a tampa do caixão. Desenvolve-se a cena do enterro, num momento no qual o defunto – que, a princípio, está no caixão – vem a primeiro plano e dirige um monólogo ao público da sala. O texto, montado a partir do original de Machado de Assis, cita explicitamente o trocadilho autor defunto/defunto autor, próprio do livro.

Segundo Klotzel, não há fórmula de sucesso para que uma obra literária seja bem sucedida no cinema. “A expectativa de se tornar um filme não

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

DIVULGAÇÃO

pode ser tomada ao pé da letra. A obra literária é o ponto de partida e pode ser transformada. Outras têm uma diferença muito grande. Bressane fez *Brás Cubas*, que traz aspectos vagos da obra. Filmar não é igual ao que você escreve. Ser literal nem sempre é a maneira de ser fiel, às vezes é preciso contar de outra forma”, ressalta o diretor de *Memórias póstumas*.

Não há limites para a criatividade, basta mergulhar na obra e enxergar uma maneira de fazer o filme. Portanto, o que importa é a motivação verdadeiramente cinematográfica para levar o romance à telona. No caso de Klotzel, o interesse foi pelo fato de a história de Machado ser cheia de comentários e de idas e vindas. “Isso me pareceu bastante moderno. A forma fragmentada e ao mesmo tempo linear me fascinou. Sem dúvida, é um filme de época, já que, quando Machado escreveu o romance, em 1881, *Brás Cubas* já estava morto desde 1869. É como se eu narrasse hoje a história de alguém que morreu há 12 anos. É um morto que narra sua história se dirigindo ao leitor. Por isso, tive a idéia de pôr o narrador morto se dirigindo ao telespectador de hoje”, explica o diretor.

Nelson Pereira dos Santos é outro diretor que se encantou com a narrativa de Machado. A primeira investida foi com o curta *O Rio de Machado de Assis*, de 1965, que tem apenas 13 minutos. Em seguida, em 1971, com o filme *Azyllo muito louco*, que é baseado no conto machadiano “O alienista”. A terceira vez foi com o inédito *A missa do galo*, em 1982, baseado em conto homônimo. A história do encantamento do jovem Nogueira por Conceição, uma mulher infeliz no casamento e mais velha, na realidade era para ser um piloto de uma série de contos de Machado. Mas, segundo o cineasta, a série acabou não sendo exibida.

Atualidade – Para Nelson, o poder de comunicação de Machado de Assis existe até hoje. Por isso, falar de amor, casamento, traição, como no exemplo de Bentinho e Capitu, de *Dom Casmurro*, ainda é muito atual. Tanto, que o diretor Moacyr Góes apresentou em 2003 uma história inspirada no romance, intitulada *Dom*. O filme conta a história do engenheiro Bento, que vive uma rotina confortável em São Paulo – trabalho, casa, uma noiva que ama. Mas sua vida se transforma quando reencontra Miguel, um velho amigo, e

Ana, seu amor de infância. Ele acaba o noivado e reconquista Ana. Mas, dominado pelo ciúme e por um machismo voraz, não consegue se entender com a mulher após o nascimento do filho.

A segunda adaptação de “A cartomante”, dirigida por Wagner Assis e Pablo Uranga, de 2004, também se passa nos dias atuais. Segundo Assis, em entrevista ao *site* Memórias Cinematográficas de Machado de Assis, o filme nasceu como uma história de época. Depois, ele e Uranga resolveram trazê-lo para os dias atuais. “Como era uma adaptação livre, procuramos manter a essência do texto original, com a questão do imponderável, do destino. Mantivemos os personagens principais, as relações entre eles – Rita, Camilo e Vilela. E a atualização mais importante foi criar outro personagem a partir da figura da cartomante”, explica Assis.

No caso de *Azyllo muito louco*, Nelson usou como ponto de partida o conto de Machado e o desenvolveu livremente. O objetivo era falar de quem é louco e de quem não é, a partir da história de um padre que ganha antipatia dos poderosos de uma província à beira-mar, por construir um asilo para loucos. Essa mesma forma de liberdade é apresentada por Bressane em *A erva do rato* e em *Quanto vale ou é por quilo?*, de 2005, livre adaptação de Sérgio Bianchi do conto “Pai contra mãe”, do livro *Relíquias da casa velha*, de Machado de Assis, e das *Crônicas históricas do Rio colonial*, de Nireu Cavalcanti. Klotzel gosta muito deste último, apesar de garantir que é difícil considerá-lo uma adaptação da obra machadiana, já que, se isso não vem informado, ninguém vem a saber.

“A obra de Machado é sedutora. O tratamento às histórias tem ironia, ambigüidade e a dificuldade é esta, de levar para o cinema essas características. Desde os anos 30 diretores têm tentado adaptar Machado”, completa Nelson. Klotzel também procurou ser fiel à essência do estilo machadiano. Ele optou por captar para o cinema tanto a leveza da linguagem do escritor quanto sua maneira pouco enfática de dizer as coisas, mas com extrema elegância. No filme, o diretor procurou usar essa sutileza, optando por enquadramentos bem compostos, mas simples, combinando com uma leveza fotográfica conseguida com o contraste baixo das imagens. Por isso, procurou eliminar tudo o que pudesse ser supérfluo. ▶

SAIBA MAIS

Internet

- Casa de Rui Barbosa
- <http://www.machadodeassis.net/equipe.htm>
- Academia Brasileira de Letras
www.academia.org.br
- Memórias Cinematográficas de Machado de Assis
<http://imagemtempo.com.br/ma/index.htm>
- Coleção digital Machado de Assis
portal.mec.gov.br/machado

Para Nelson, os contos de Machado têm sempre muitas camadas, exigem trabalho de investigação, de interpretação, o que permite desenvolver melhor o filme. No caso de *A missa do galo*, Nelson procurou mostrar rigorosamente a história da noite em que Conceição e Nogueira conversaram. Entretanto, como há uma frase no conto que narra a história das escravas dentro da casa, o cineasta resolveu inserir no início do filme uma cena em que as escravas, que servem o jantar, riem dos patrões, que não tinham uma boa relação conjugal.

Juventude – Os diretores são unânimes em afirmar que é possível atrair a atenção de jovens para a obra machadiana, embora muitos hoje considerem a história arrastada e a literatura rebuscada. Na opinião de Klotzel, a barreira não é por ser uma história de época, mas pela linguagem que os mais novos consideram fria e oficialista. Mas, ainda assim, ele próprio ouviu muitos jovens dizendo que

depois que viram seu filme se interessaram em ler o livro.

Nelson lembra que o autor de *Dom Casmurro* escrevia para o leitor comum, já que os contos e romances foram publicados em revistas populares, com público principalmente feminino. “O Brasil evoluiu muito depois de Machado, mas ainda existe amor, casamento, traição”, ressalta o cineasta, falando sobre os temas das histórias do escritor do século XIX. Wagner Assis espera que o escritor, cuja morte completa 100 anos, faça parte da história de todos os alunos brasileiros, assim como fez da sua história.

“Ele [Machado] entrou na minha vida com *Dom Casmurro*, ainda no início do segundo grau [atual ensino médio]. Depois, com *Memórias póstumas*, vi seu gênio com mais clareza. O tempo passou e ele continuou sendo uma leitura quase obrigatória. A gente se apaixona pelos escritores russos, franceses, espanhóis, mas nunca deixa de dar uma passada nos livros do Machado”, conclui. ■

Filmes de longa-metragem

- *Capitu* (1968), direção Paulo César Saraceni. Baseado no romance *Dom Casmurro*
- *Viagem ao fim do mundo* (1968), direção Fernando Coni Campos. Baseado no capítulo “O delírio” de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- *Azyllo muito louco* (1970), direção Nelson Pereira dos Santos. Baseado no conto “O alienista”, do livro *Papéis avulsos*.
- *Um homem célebre* (1974), direção Miguel Faria Jr. Baseado no conto homônimo, do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis.
- *A cartomante* (1974), direção Marcos Farias. Baseado no conto homônimo, do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis.
- *Confissões de uma viúva moça* (1975), direção Adnor Pitanga. Baseado no conto homônimo, do livro *Contos fluminenses*, de Machado de Assis.
- *Que estranha forma de amar* (1977), direção Geraldo Vietri. Baseado no romance *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis.
- *Brás Cubas* (1985), direção Júlio Bressane. Baseado no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis
- *Quincas Borba* (1987), de Roberto Santos. Baseado no romance homônimo de Machado de Assis
- *A causa secreta* (1994), de Sérgio Bianchi. livremente adaptado do conto homônimo, do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis.
- *O enfermeiro* (1998), de Mauro Farias. Baseado no conto homônimo, do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis
- *Machado de Assis, alma curiosa de perfeição* (2000), direção Maria Maia. Vida e obra de Machado de Assis, da infância pobre até a morte.
- *Memórias póstumas* (2001), direção André Klotzel. Baseado no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis
- *Dom* (2003), direção Moacyr Góes. Inspirado no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis
- *A cartomante* (2004), direção Wagner de Assis e Pablo Uranga. Baseado no conto homônimo, do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis
- *Quanto vale ou é por quilo?* (2005), direção Sérgio Bianchi. Livre adaptação do conto “Pai contra mãe”, do livro *Relíquias da casa velha*, de Machado de Assis, e das *Crônicas históricas do Rio colonial*, de Nireu Cavalcanti
- *O demoninho de olhos pretos* (2008), direção Haroldo Marinho Barbosa. Quatro histórias do livro *Contos fluminenses*.
- *A erva do rato* (2008), direção Júlio Bressane. Inspirado nos contos “A causa secreta” e “Um esqueleto”, de Machado de Assis.

Este mês, fizemos uma seleção de livros que abordam a relação entre educação e mídia.



Educação e mídias

Jacques Gonnet
Editora Loyola, 2004

Já é corrente dizer que aprender a utilizar as mídias é tão importante quanto ler e

escrever. O livro ajuda a organizar um programa de educação para as mídias na sala de aula, oferecendo subsídios para que o professor possa escolher a melhor abordagem que se pode fazer em relação a elas.

Educação, mídia e meio ambiente

Regis de Moraes
Editora Alínea, 2004

Ainda hoje as mídias são vistas como portavozes da sociedade de consumo. Usando a ecologia como o foco



central, a obra promove reflexões educacionais que devem incluir as mídias como veículos positivamente transformadores.



Educação física e mídia – novos olhares, outras práticas

Mauro Betti
Editora Hucitec, 2003

Pesquisadores apresentam suas visões sobre a relação entre mídia e educação física. A partir de olhares distintos, eles abordam mídia esportiva, indústria cultural, mundo virtual dos jogos eletrônicos e da internet, cultura corporal, educação e escola.

A cultura e mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação

Maria da Graça Jacintho Setton
Editora Annablume, 2004

O cinema é utilizado nas atividades curriculares como uma das instâncias para a construção de uma base cultural sólida. Sua presença é estratégica para pensar a produção do sentido e da significação no horizonte da cultura audiovisual, principalmente com o espaço presente na educação para a constituição dos valores éticos e morais.

Literatura e mídia

Heidrun Krieger Olinto
Editora Loyola, 2002

Coletânea com análises críticas sobre os processos comunicativos. Há estudos sobre jornalismo, cinema, televisão, música, as ofertas audiovisuais e as formas comunicativas de massa em geral. O livro traz ainda textos sobre filosofia, sociologia, história e estudos de literatura.

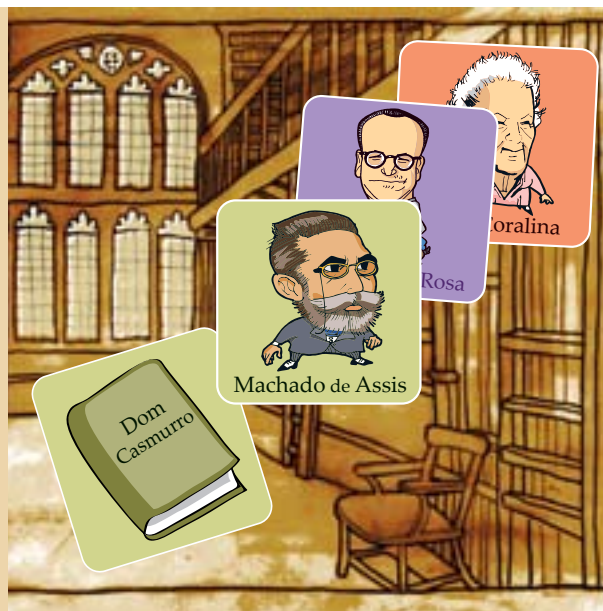


Jogo da memória no Cartaz

No Ano Nacional Machado de Assis, instituído para celebrar o escritor em 2008, quando se completam cem anos de sua morte, uma série de publicações e eventos apontam os fatores que fazem dele um dos mais importantes autores brasileiros de todos os tempos – se não o mais importante. Independentemente das análises técnicas sobre sua obra, chama a atenção o fato de Machado ser muito lido até hoje, considerado como escritor favorito não só de estudiosos da Literatura, como também de artistas, jornalistas e escritores. Em homenagem a Machado – que faria cem anos em 2008, a revista Nós da Escola publica em seu cartaz o Jogo da Memória da Literatura Brasileira, também disponível PORTAL MULTIRIO.

Texto Ulisses Mattos

Ilustrações David Macedo



	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém merece	Br@nché (Língua Francesa) Acervo MULTIRIO Tons e sons	Nós da Escola	Matilda Uni Duni TV	Aventuras cariocas Juro que vi	9h-9h30 Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Gerúndio e Cacófato Matilda Uni Duni TV
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa ao vivo de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa ao vivo de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa ao vivo de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa ao vivo de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa ao vivo de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Ninguém merece
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Inédito
8h-9h	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Tempo e clima	Juro que vi Aventuras cariocas Abrindo o Verbo Temas: Dança (1), Reduzir, reutilizar e reciclar (8), Beleza na cabeça (15), Ano da Física (22)	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos	Contos desfeitos		
	Gerúndio e Cacófato	Gerúndio e Cacófato	Gerúndio e Cacófato	Gerúndio e Cacófato	Gerúndio e Cacófato		
	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível	As formas do invisível		
9h-9h30	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Museu mutante	Crônicas da minha escola Abraço completo à infância	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda		
	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64	A Rua do Zoo 64		
	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país	Aqui no meu país		
9h30-10h	Abrindo o Verbo Temas: Dança (3), Reduzir, reutilizar e reciclar (10), Beleza na cabeça (17), Ano da Física (24)	Cantos do Rio Convidados: Billy Blanco (4), Edu Lobo, Carlos Malta e outros (11), João Donato (18), Milton Nascimento e Naná Vasconcelos (25)	Encontros com a Mídia Convidados: Jailson de Souza (5), Seymour Papert (12), Mauro Garcia (19), Leila Blanco (26)	Nós da Escola	Aventuras cariocas Juro que vi	Criatividade Memórias cariocas Gerúndio e Cacófato Conversa de criança Atletas do Rio	
	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação		
10h-10h30	Aventuras cariocas Juro que vi	Encontros com a Mídia Convidados: Jailson de Souza (4), Seymour Papert (11), Mauro Garcia (18), Leila Blanco (25)	Abrindo o Verbo Temas: Dança (5), Reduzir, reutilizar e reciclar (12), Beleza na cabeça (19), Ano da Física (26)	Cantos do Rio Convidados: Billy Blanco (6), Edu Lobo, Carlos Malta e outros (13), João Donato (20), Milton Nascimento e Naná Vasconcelos (27)	Nós da Escola	Ninguém merece	Cantos do Rio
10h30-11h	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Uni Duni TV Gerúndio e Cacófato	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Shakespeare: histórias animadas	Encontros com a Mídia Convidados: Jailson de Souza (1), Seymour Papert (8), Mauro Garcia (15), Leila Blanco (22)	
11h-11h30	Contos de fadas poloneses	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ninguém merece	Viajantes da História	Nós da Escola	Uni Duni TV
11h30-12h	Crônicas da minha escola			Arte na galeria	Cantos do Rio	Sací é o quinto curta-metragem da série de animação Juro que vi, sobre lendas brasileiras. A série é formada por mais quatro desenhos, todos sobre lendas brasileiras: O curupira, O boto, lara e Matinta Perera, premiados no Brasil e no exterior. Para recontar as lendas de acordo com a forma de pensar e ver o mundo das crianças, os curtas-metragens foram feitos com a colaboração dos alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.	
	Abraço completo à infância						
12h-12h30	Reflets	Reflets	Reflets	Reflets	Br@nché (Língua francesa)		
12h30-13h	Uni Duni TV	Memórias cariocas Conversa de criança	Abraço completo à infância Gerúndio e Cacófato	A arte em questão			
	Nós da Escola	Aventuras cariocas Juro que vi	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da minha escola Atletas do Rio	Ninguém merece		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Inédito	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Reprise	Rio, a Cidade! Reprise		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br.

A praia fica mais bonita sem cachorro.

Carioca gente boa respeita e preserva a cidade.





Escola de Atenas, afresco pintado por Rafael Sanzio, na Stanza della Segnatura (cômodo localizado no Palácio do Vaticano), sob encomenda do papa Júlio II, entre 1509-10. Leia mais sobre Rafael na página 5 desta edição

NÓS DA ESCOLA

Educação de jovens e adultos, conhecimentos e linguagens